Coleção 'Aspas Invisíveis' | Vol. 2 (inspiração)

UM POUCO MAIS QUE 2 PALITOS

Desfrute o amor à vida e o afago à nudez da própria alma, de modo que se flerte com a simplicidade do invisível por dias menos cinzentos.

FERNANDO GUIFER

Um pouco mais que 2 palitos

Coleção ‘Aspas Invisíveis’ | Vol. 2 (inspiração)

Um pouco mais que 2 palitos

Desfrute o amor e o afago à nudez da própria alma, de modo que se flerte com a simplicidade do invisível por dias menos cinzentos.

1ª edição (eBook version)
2020

Fernando Guifer

Fernando Guifer

Copyright © 2020, Fernando Guifer

Editor: Fernando Guilherme Ferreira
Diagramação miolo e revisão: Fernando Guifer
Capa: Canva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Adriana Rafael Pinto – CRB 8/6526-0

G949u Guifer, Fernando.
Um pouco mais que 2 palitos / Fernando Guifer. – São Paulo, SP, 2020. (Coleção aspas invisíveis, 2)
165 p.

e-ISBN: 978-65-900645-3-0 (PDF/2020)

1. Crônicas. 2. Jornalismo. 3. Literatura brasileira. I. Título. II. Coleção.

CDD 869.935
B869.3

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer processo sem autorização por escrito do autor.

Um pouco mais que 2 palitos

A vocês, leitorxs, que me acompanham
nessa árdua jornada desde sempre e
continuam fortalecendo ativamente
para que este e todos os meus
projetos voltados à escrita
se tornem realidade.

Mais que obrigado... gratidão!

Fernando Guifer

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pela dádiva da vida e saúde para expressar o que mais amo, que é escrever;

À Laís, minha filha, por, a cada volta do relógio, se consolidar como a grande professora dos meus dias, me inserindo definitivamente na condição de mero aluno do tempo;

À minha esposa, Fabi, e ao meu enteado, Duh, por comporem nossa família e, com o maior amor do mundo, me inspirarem todos os dias em sair para o trabalho por vocês e para vocês;

Às minhas famílias “Fonseca” e “Arrais”;

À tia Palmira e ao Cleber, pessoas que amo e que me deram a honra em escreverem o prefácio e posfácio desta obra, respectivamente;

À amiga e bibliotecária, Adriana Rafael, pelo auxílio com a Ficha Catalográfica desta edição;

Às instituições de ensino que transformaram minha vida desde que me entendo por gente – até então: EMEI Rodrigues de Abreu, EMEF Artur Neiva, EMEF 25 de janeiro, EE Pedro Taques, Uninove e FMU.

“Eu acho que todo mundo deveria ficar rico, famoso e fazer tudo o que sempre sonhou, para que possa ver que essa não é a resposta.”

- Jim Carrey -

Sobre o autor

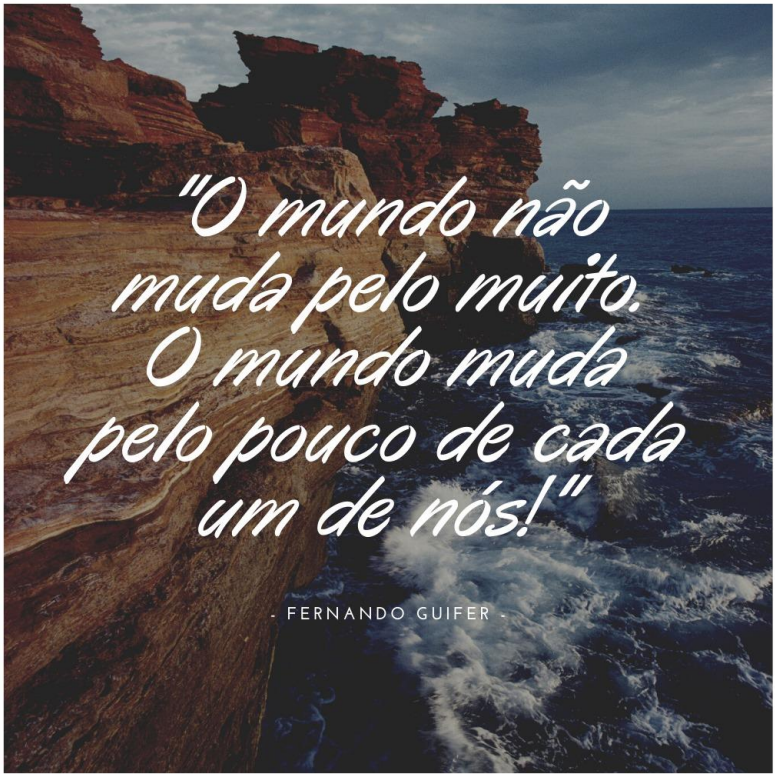
Fernando Guifer é papai babão da pequena prematurinha Laís, jornalista (desde 2005), palestrante, mestre de cerimônias/celebrante, e um escritor com a alma borbulhando na ponta da caneta! ❤

Autor dos livros '*Diamante no acrílico: entre a vida e o melhor dela*' e '*Para pensar na cama...*', foi embaixador da '*ONG Prematuridade.com*' - única que luta pelos direitos do bebê prematuro no Brasil -, articulista do '*Comunique-se*', mais respeitado portal sobre profissionais de jornalismo do país, além de colunista do site '*Bebê.com.br*' (Grupo Abril).

Graduado em "*Comunicação Social - Jornalismo*" e com formação executiva em "*Comunicação Empresarial*", ambos pela Uninove, também é pós-graduado em "*Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte*", pela FMU.

Entre as empresas em que já atuou/colaborou, está Serasa Experian, Federação Paulista de Handebol, Agência MVP Sports, TV Climatempo, Febracorp, Grupo LANCE!, Senac SP, Maura de Albanesi, Puriflora, revista Comando Rock, entre outras.

Um jornalista em direção ao improvável.



Fernando Guifer

Sumário

(clique no título para ir direto ao artigo desejado)

- **Prefácio**
- **Apresentação**

Capítulo 1 | Rápi10

- (quase) Apenas observo…

- Não tome decisões pensando você, e acredite(...)

- (não raras vezes) nosso melhor lado é o avesso!

- Movimento

- Amor…

- Namore alguém que (ops… triscou, acendeu!) 💋 ☺

- Fobia de (viver a) glória

- Duas décadas sem Mamonas Assassinas

- Suzy, Drauzio, preconceitos e abraços

- Que privilégio nascer no país dessa mente brilhante chamada Humberto Gessinger

- O sentido da vida talvez esteja em sua maior dor

- Facebook: “no que você está pensando?”

Capítulo 2 | Peraí

- Mas, e se os meus sonhos não estiverem nos planos de Deus?

- Parece, mas não é: quando vale a pena ‘trocar 6 por meia dúzia’

- A ignorância é coirmã da paz de espírito

- “Transformai-vos pela renovação de vossa mente” (Romanos 12:2)

- Caos

- Pais separados: incentivem seus filhos a amarem um ao outro!

- Grandiosidade

- Empatia será sempre a primeira grande prova de amor

- Hoje você vai (novamente) fazer a diferença na vida de alguém

- Momentos…

- É tão bom assim, do jeito que você é...

- Atenção: sugestão para o Metrô e CPTM

- Estar desempregado não é motivo para sentir vergonha!

Capítulo 3 | Estalo

- Se tiver que perder tudo, perca. Mas preserve, ao menos, sua humanidade

- “Nossa! Tudo agora é preconceito...(...)essa geração é muito chata!”

- Até que a primeira crise os separe!

- Nudez

- O futuro depende de você ou é você quem depende do futuro?

- Veja bem o... ops, passou!

- Existem dias bons e dias ruins

- Que tal uma faxina na alma?

- Você e eu precisamos das pessoas. Aceitemos (que dói menos)!

- Istoé: “Ludmilla diz que perdeu contratos após assumir namoro com bailarina”

- Cabresto

- História

- Por que será que a felicidade não é para todo mundo?

- “E daí?”

Capítulo 4 | Sopro

- Propague e inspire - sempre em alto e bom som!

- “É preciso a cruz para conhecer a luz”

- "E, mesmo cansado da vida..."

- A relação entre o Caos e as novas descobertas...

- Vitalidade reciclada

- Desafio ‘Meus filhos/Eu toda acabada’

- No banco da frente, minha alma; no de trás, meu coração!

- Ser feliz ou ter razão?

- Abraço

- O teu (e o meu) dia acabou. Ok. Mas, e ae… objetivo atingido?

- Próxima estação: o abraço das pessoas que te amam!

- No fim das contas, percebemos que somente ele, o abraço, é o que realmente importa…

- **Pósfácio**

Prefácio

“Ser convidada a escrever o prefácio de uma das obras, dentro da trilogia 'Aspas Invisíveis', me fez refletir acerca da honra a mim concedida, dentro desse singular momento de produção e socialização de textos que contemplam a construção e realização de um sonho.

Sonhos, estes, de um menino que a vida me permitiu ver e acompanhar seu crescimento físico, intelectual e profissional. A busca incessante do autor Fernando Guifer por respostas às turbulências da vida, o direcionou à um encontro único e pessoal com as adversidades da vida e o fez encarar de frente as dores da alma, e que, com sensibilidade e maestria, transformaram-se em textos que alcançam a todos, com uma linguagem simples e acessível.

A obra em questão, me permitiu conhecer e degustar antecipadamente das primícias que serão oferecidas ao leitor ávido por descobrir e aprofundar reflexões dentro de textos leves e cotidianos.

Considero corajoso e desafiador quem se propõe a escrever a outros, porque, para essa ação, se faz necessário despir de si próprio e se voltar ao outro. É desafiante incorporar ao seu mundo, a realidade compartilhada e vivida por outros.

É um processo criativo que permite ao autor o nascimento de textos que não mais retratem suas

experiências individuais, mas a síntese de emoções, expectativas, sonhos, angústias e alegrias de todos àqueles que se permitirem ingressar na leitura dos textos organizados na coletânea e obra do autor Fernando Guifer.

É esta uma obra recheada de posições reflexivas, de opiniões pessoais, mas que induzem o leitor a formatar com originalidade suas próprias concepções. E nisto, consiste o encantamento proposto na leitura apresentada, pois ao se encontrar nas entrelinhas das reflexões, o leitor vislumbrará seus próprios posicionamentos e poderá, então, ampliar, modificar ou acrescentar conteúdos inéditos que lhe serão oferecidos através da obra de Fernando Guifer.

Poderá o leitor se autoquestionar, e sejam quais forem as respostas, não recuar e nem se amedrontar, pois perguntar-se é uma maneira interessante de se descobrir como pessoa, são elas, as perguntas pontes que nos favorecem a travessia do “eu que sou” para o “eu que desejo ser”, e essa construção do “eu leitor” qualificam nossa existência.

Então, não relute mais, se entregue à leitura da obra e descubra por si só os prazeres da construção de posicionamentos. É como aprender a nadar, mergulhe e depois delicie-se com as novas experiências.

Boa leitura…”.

- Palmira Carlos -

(Professora do Ensino Fundamental I e II da Rede Municipal e Estadual de São Paulo/SP).

Apresentação

Devaneios como bússola

Não há pretensão de que você mude uma opinião que porventura já tenha formada sobre assuntos abordados nos artigos que compõem esta seleção.

O intuito é que deslize sua leitura até a derradeira página desta obra e que ela, em certos momentos, lhe cause risos involuntários e cócegas no cérebro, ao despertar em suas percepções e/ou verdades um pouco mais que o tal segundo ponto de vista, mas também alguns grãos de reflexão, inspiração e, quem sabe, quebra de paradigmas

Acidez, sarcasmo, ironia e uma pitada de poesia talvez sejam palavras que definam bem a escrita que me acomete quando a pauta é opinião.

Com o passar dos anos, compreendi que não há forma melhor do que essa para se comunicar e expressar sentimentos de um escritor que nasceu e vive no país do controverso e que, portanto, precisa de uma dose cavalar de loucura como alimento básico de sobrevivência.

Na contramão do que se conhece por intelectualidade, gosto de escrever para todos. Por isso, a linguagem coloquial e acessível é proposital para que meus artigos cheguem aos públicos das mais diversas esferas sociais, que, inclusive, não encontrarão na *coleção 'Aspas Invisíveis*' glamour semântico. Meu papo é reto e o jogo é rápido. O pensar tem pressa, o questionar tem pressa. Não por acaso, o título *'Um pouco mais que 2 palitos'*.

Alerta

Já viu autor que, logo na introdução, já dá spoiler a respeito de seu livro? Então... sou desses.

E o que tenho para revelar possivelmente soe como tiro no meu próprio pé e deixe você emputecido, principalmente se tiver pago algum tostão para ter acesso a este livro.

Mas, sem receio, revelo: amigo, amiga... acredita que são quase 200 páginas, apenas neste volume, em que, em minha opinião, não digo absolutamente nada além do óbvio? Pois é.

E confesso que só insisto nele, no óbvio, por vivenciar uma realidade em que o coitado precisa sim ser o tempo todo defendido, infelizmente.

A notícia boa é que, o que é óbvio para mim, pode não ser a você. E a grande magia se instala é nessa cortina de fumaça mesmo que, a cada texto, se dissolve entre os dedos.

Leia *'Um pouco mais que dois palitos'* e sinta como se estivesse pegando uma estrada bem de manhãzinha, viajando, com orvalhos no vidro e uma neblina baixa que, conforme o carro se aproxima do destino, vai desaparecendo para dar lugar ao sol, seu melhor substituto possível.

Contudo, nada me garante que, antes mesmo de você chegar a última linha do último artigo, eu ainda terei as mesmas opiniões que tinha apresentado com (aparente) extrema convicção páginas lá atrás. E que bom. Que

demais é esse negócio de ser uma metamorfose ambulante e não fazer a menor questão de ter aquela velha opinião formada sobre tudo, não é mesmo?

Por que (a coleção se chama) *Aspas Invisíveis*?

Independentemente do contexto, elas, as aspas, carregam significado ímpar à linguagem, já que são responsáveis por abrir alas às ideias, pensamentos, argumentos, ou, enfim, qualquer enunciado que represente um ser pensante, determinando, assim, o rumo da história de algo ou de alguém.

Confesso ser um apaixonado por aspas.

Essencialmente aquelas consideradas invisíveis, já que são as que carregam as histórias mais saborosas que existem, e também por eu me identificar com elas, já que também sou dono de aspas (ainda) invisíveis aos olhos da sociedade, já que me considero um escritor novo e independente que busca formas para se conquistar uma mínima visibilidade no sentido de inspirar, conscientizar e desperta reflexão às pessoas.

'Aspas Invisíveis' é composta por seleção de artigos. Portanto, de aspas. Da aspa de alguém. Da minha aspa - do início ao fim -, e que, em um texto ou outro, dependendo do contexto, traz consigo outras aspas referenciais nem tão invisíveis assim.

- Fernando Guifer -

Capítulo 1

Rápi10

Imagem: mais aprendizagem

Fernando Guifer

(quase) apenas observo

Imagem: Google

Já são mais de 34 anos divagando pelos quatro cantos da megalópole Sampa, incluindo seus derivados com cidades adjacentes, e o tal observar tem sido um hábito cada vez mais presente.

A linha de raciocínio do meu coração é o cão-guia de minha alma, e algo me diz que o alvo da sabedoria talvez seja mesmo o “observar mais e falar menos”, embora eu seja aspirante nessa arte.

Um pouco mais que 2 palitos

Não é fácil apenas observar e manter-se alheio ao mundo das falas, principalmente quando se é amante das cordas vocais, amigo íntimo do papel e caneta ou, enfim, um alguém coirmão da incerteza (e que busca respostas sobre tudo a todo instante).

Mas o tempo… ah, o tempo… seu passar nos conduz quase que de maneira imperceptível ao que entende ser o melhor para nosso temperamento, nosso momento e até mesmo nosso argumento (causador de nossas inimizades diárias).

É preciso entender que existem aqueles instantes para trocação de palavras - em que se protagoniza situações desgastantes para o repertório de paciência e sabedoria -, e outros somente a serem observados como um mero espectador que alimenta a inteligência emocional e o “No Stress” à lá paz e amor – em nome da infalível (e velha) política da boa vizinhança.

A melhor parte do observar está no admirar. Olhar e não simplesmente ver, mas também enxergar e aprofundar-se na captura da essência do alvo constatado e instigar o belisco na retina.

Pela janela do ônibus, amigo diário nos trajetos do ganha-pão, vá além do que a rotina lhe impõe sem pedir licença.
Dê bom dia ao sol, conte as árvores e admire suas folhas; olhe lá o voar dos pássaros, o artista de rua, o badalo do sino, a pá que enche a laje, o orelhão que agora está na solidão, o rapaz de boas histórias rumo ao

alistamento, a moça formosa na faixa de pedestres, o igual em situação de rua feliz com o cobertor que conquistou na noite passada, o sorriso de quem se ama… ai ai…

Observar não tem contras, apenas prós. Tudo vira poesia quando se observa; tudo se camufla quando se fala demais.

E aos 34 compreendi (com certo atraso) que o mundo geográfico nasceu para ser observado e admirado, mas que o mundo “humanizado”, porém, ainda não está na mesma sintonia, infelizmente.

Então, joguemos o jogo das falas para tentar ser aceito, “notado”, “admirado” ou observado.

E que comecem os jogos do dia de hoje.

Não tome decisões pensando você, e acredite: será sempre o maior beneficiado!

Imagem: Freepik

Muito difícil estar diante de uma situação aparentemente tentadora e não ceder àqueles encantos que insistem em cruzar nosso destino para conduzir-nos a um provável caminho – negativamente – sem volta.

Mas a vida é feita dessas nuances mesmo, né? E a todo instante precisamos nos (com)provar resistentes, já que que são momentos assim que definem o quão fraco ou forte somos, e qual nossa capacidade em contar até 10 para seguir focado na linha de raciocínio que julgamos ser a correta desde sempre, sem deixar-se levar pelo (traíra) impulso do agora.

Fernando Guifer

Existe uma técnica especial que todos podemos utilizar para o tal ‘respirar fundo’ ficar, não mais fácil (porque nunca é), e sim, nos apresentar como sendo pelo menos possível – o que já é um bom começo:

Pensar – em primeiro lugar – nas pessoas que amamos.

É clichê? Talvez seja mesmo. Mas a verdade é que não existe m nós o hábito em praticar essa primícia básica e, na boa? Não tem erro. Não há contras, apenas prós! #VaiPorMim

Quando, em alguma circunstância, estamos sob pressão, é natural que tomemos atitudes impensadas e/ou precipitadas para nos livrar logo daquele vazio ou tormento agonizante.
Por nós, torna-se indiferente fazer, não fazer, ou fazer de qualquer jeito.

Defeito? Jamais. Isso é característica. O ser humano é imediatista mesmo, batalha para que seus problemas sejam resolvidos ‘pra ontem’, e até pelo alto grau de doença do século (ansiedade) que carrega no peito, “gosta” de sofrer por antecipação com algo que jamais aconteceu ou acontecerá de fato.

Exemplo 1:
Vindas do interior, milhares de pessoas desembarcam diariamente nas grandes metrópoles vislumbrando sonhos e perspectivas, talvez até por entender que essa

mudança possibilitará um desenvolvimento profissional mais acelerado e coeso, e consequentemente, ser surpreendido com a chance de levar esse progresso de vida aos pais que optaram por não seguir juntos e, portanto, se despediram ainda na rodoviária.

Baseado nisso, conversei recentemente com uma amiga que largou sua família (e toda vida que tinha) no interior de SP para apostar suas fichas na “indormivel” megalópole Paulistana.

E o paradoxo que envolve o sonho em ‘vencer’ na cidade grande e o medo dessa solidão que grita pelo desejo em desistir e voltar para o campo, é o que esmaga seu coração e suas perspectivas de futuro – que se tornaram “labirintosas”.

Papo vai, papo vem… me intrometi nas dúvidas dessa minha amiga e comentei que, caso venha jogar tudo para o alto e regressar à antiga e pacata rotina, estará cometendo, provavelmente, o maior erro de sua recente vida, e esse equívoco impulsivo poderá lhe custar um destino deturpado daquele que ela um dia sonhou – e que seus pais também vislumbraram para quando estivesse mais crescidinha.

Ou seja…

Se não desistir do sonho em ser feliz na cidade grande, quem será a maior beneficiada? Ela ou as pessoas que ama?

Indiscutivelmente, ela!

Mas, por ela, a solidão tem sido tão latente que talvez não pensasse muito para levantar a bandeira do fracasso e voltar para o interior. Porém, o ‘fico’ foi pelas pessoas que ama, então, vale 100% o esforço.

Exemplo 2:

Durante anos perambulei por vários lugares com as bandas das quais atuei como baterista, e, vez ou outra, nos camarins da vida tinha aquele variado cardápio de drogas disponíveis a pronta entrega.

Era quase unanimidade o incentivo dos ali presentes para que eu aproveitasse o momento, bebendo até cair, “dando um tiro” (cheirando cocaína) ou fumando um baseado (maconha), afinal, “não pegava nada”.

E, olha, me conhecendo bem (como acho que conheço) provavelmente não iria pegar nada mesmo. Mesmo assim, eu jamais quis arriscar seguir na direção de uma possível rota sem escape porquê imaginava no tamanho da decepção que aquilo causaria aos meus familiares.

Ou seja…

Se eu não usei essas drogas que me foram oferecidas lá na adolescência, quem foi o maior beneficiado? Eu ou as pessoas que amo? Indiscutivelmente, EU!

Embora meus amores pudessem ter sido indiretamente atingidas, o maior prejudicado no futuro seria EU. Mas, talvez, por mim, eu até experimentaria e, quem sabe, poderia me tornar usuário. Porém, o ‘NÃO’ foi pelas pessoas que amo, então, vale 100% o esforço.

Contar até 10 não é fácil…

…mas é sim possível – desde que tu domines o próprio psicológico e mostre a ele que nesse tipo de armadilha você não cai mais. Até porquê, quem é que manda nessa p****? Oras!

Melhor amiga em algumas situações, a mente nos leva do céu ao inferno em poucos minutos, podendo se transformar em nossa maior inimiga se não formos incisivos ao colocá-la no cabresto.

Não devemos fazer nada somente por nós, e sim, (principalmente) pelos nossos, pois aí nos tornaremos imunes ao fracasso e triunfaremos como imbatíveis realizadores.

Porque a única coisa realmente capaz de nos moldar é o amor…

…é o medo de perder a confiança de alguém próximo. É o receio em decepcionar um ente querido que sempre acreditou em nós e que, ocasionalmente, por causa de determinada postura, terá nosso respeito lançado à vala sem dó nem piedade.

Mais do que nossas próprias preferências e vontades, a confiança e a credibilidade dos nossos iguais tem um valor inestimável que nos faz, se for preciso, trilhar uma rota diferente daquela que inicialmente planejamos.

Olha… como sendo humanos temos inúmeros defeitos. Mas uma de nossas principais qualidades é ter a exata

noção do quão valioso é o nosso nome, e toda luta que travamos dia após dia para mantê-lo intacto no hall das pessoas com quem nos importamos.

Não ligo de chorar em cima do preço de uma decisão que optei, mas não suporto ver quem eu amo chorando por causa de uma decisão mal pensada por mim.

E, na maioria das vezes, essas pessoas que amamos se decepcionam conosco, não porque fizemos algo que vão prejudicá-las, e sim, por ser uma situação que prejudicará a nós mesmos – e então sofrem ao lidar com a possibilidade do nosso sofrimento, vendo que, assim como nós, eles também são culturalmente condicionados a zelar mais pelo próximo do que por si mesmo.

Desta forma, se pensarmos bem antes de decidir qualquer coisa por medo de frustrar quem amamos, estamos, de maneira automática, nos beneficiando diretamente com esse ligeiro instante de lucidez.

Até porquê, é natural tratarmos com desdém nossas coisas e dedicar-se com mais zelo àquilo que nos emprestam, né? Máxima esta que, inclusive, vale para sentimentos ou também objetos.

Eu mesmo quando vou emprestar alguma coisa para alguém, costumo dizer à pessoa: “cuide dele como se fosse meu, porque se você cuidar como se fosse teu, vai quebrar!”

E isso não tem nem relação com um possível desleixo da pessoa. Está relacionado com a forma como todos nós conduzimos aquilo que nos pertence, entende?

Habitualmente damos importância superior ao que não é nosso e desvalorizamos aquilo que chamamos de ‘meu’.

Somos movidos pelo impulso…

…e pela fantasia do ‘tudo de errado acontece comigo e preciso me livrar dessa dor agora!’, independentemente do preço que eu possa vir a pagar lá frente.

Talvez, se tivéssemos um pouco mais de equilíbrio para contar até 10, as consequências que levam nossa vaca para o brejo poderiam ser minimizadas ou até mesmo erradicadas na raiz. Mas, não. Geralmente não medimos esforços para nos ferrar porque somos realmente muito bons nisso.

Não temos inimizade com o que conhecemos por ‘autoprejudicial’ e nossas decisões acontecem por conta e risco porque também somos imbatíveis na arte de segurar o próprio B.O. Porém, isso até se pôr à mesa nossos grandes amores da vida. Aí, meu amigo, a coisa muda radicalmente de figura.

(não raras vezes) nosso melhor lado é o avesso

Imagem: Google

O que explica o fato de nosso maior objetivo nunca sair conforme o planejado, mesmo quando conduzido de um jeito “certinho”, “cronometrado” “engravatado”, e pensado passo a passo nos mínimos detalhes?

Talvez a resposta dessa problemática esteja justamente na pergunta, afinal, sempre percorreremos o mesmo caminho sem desvios, seguindo um tutorial que os demais julgam como sendo adequado para uma completa realização lá na frente.

Em suma: não damos nossa cara ao próprio sonho, e fazemos sempre o que todos os que já obtiveram seus êxitos fazem, e só.

Um pouco mais que 2 palitos

Geralmente fugimos do “arriscar”, não enfrentamos os receios com afinco e evitamos uma xícara de chá com o desconhecido.
O motivo?
Bom, estes são lugares que nada vão acrescentar de forma positiva em nossa busca e, claro, já foram apelidados como os “berços do fracasso”, portanto, devemos nos manter o mais longe possível, certo?

Errado!
A vitória não está no óbvio.

O triunfo está justamente em lugares nunca habitados dentro de nós. Troquemos este amarelado e ultrapassado mapa da mina e busquemos explorar melhor o caos que existe em nosso íntimo.

Zere teu HD, revire os planos de ponta cabeça, bata a poeira da mesmice, inove sua programação de vida, confronte o quartinho da bagunça, instigue suas fraquezas e procure fora da gaveta (porque de vez em quando cai no chão mesmo).

Jogue os pensamentos na mala e se mude para o lugar em que todos fogem; corte caminho pela viela que ninguém passa; vá aonde nunca foi antes.

Lembre-se de que se você fizer do caos uma prioridade, estará sempre à frente dos que riem dele.

De vez em SEMPRE nosso melhor lado é o avesso!

Fernando Guifer

Movimento

A vida sem movimento é uma perda de tempo, porque a inércia nos recolhe a uma zona de conforto perigosa.

A dificuldade, o medo e as preocupações, são maus absolutamente necessários para criarmos versatilidade e, com isso, angariarmos discernimento suficiente que nos permita buscar soluções inovadoras em curto/médio prazo para nossos objetivos de vida.

Jamais duvide da própria força ou do poder de resiliência que tens, não por arrogância ou por pensar ser melhor do que alguém.

Mas, sim, porque, ser detentor de uma característica desse tipo, é a prova viva de que tu não vieste à terra a passeio, já que não se curva às dificuldades ou menos

ainda baixa a cabeça quando alguém lhe vira às costas desdenhando dos vossos sonhos e/ou problemas.

Mesmo aos trancos e barrancos siga sempre em frente, e jamais perca sua fé em Deus – escudo intransponível contra os malefícios que diariamente são propagados pessoas e/ou circunstâncias.

Amor

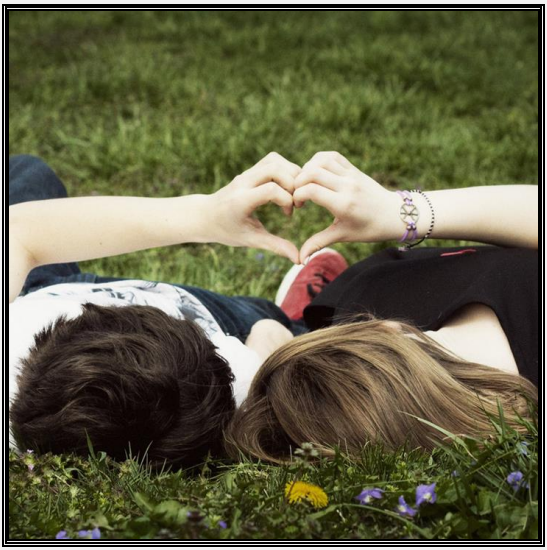


Imagem: pixabay

Tão sublime e ao mesmo tempo provocante, o AMOR não é (e jamais foi) tudo de bom por acaso!

Ele, o AMOR, detém uma incrível capacidade de nos fazer esquecer os problemas cotidianos para, então, virar em direção ao mais caliente, uma chavinha da alma que, tímida e despercebidamente, passa boas temporadas no gelado.

Você está lá (ou aí), em seu canto, quieto, por – não raras – vezes se esquivando de um relacionamento perspicaz que lhe prenda com afinco, quando, de

repente… todos os planos em se ter uma vida (momentaneamente) singular vão por água abaixo.

Amém, humano sentimental!

Não fuja. Isso é lindo. Não vire suas costas para o que pode mudar positivamente seu destino para sempre.

A magia do AMOR está em justamente não oferecer qualquer poder de escolha sobre a alma que, daqui um segundo, será agraciada por nós com este – que é o maior (e mais lindo) entre todos os sentimentos criados por Deus.

Embora o AMOR esteja o tempo todo no ar, é preciso mais do que um simples apetite físico para sentir o seu perfume. É necessário sensibilidade no olfato da alma.

Sabe aquele papo de ‘felicidade que bate à porta’?
Então… abra essa porta e, principalmente, o coração.

Seja intenso e perpetue os grandes momentos, pois, é sim, mais que usual, que eles se construam nos pequenos e mais inesperados instantes – aqueles para os quais geralmente não investimos 1 centavo.

Durou dois dias, foi feliz dois dias; durou 50 anos, foi feliz 50 anos. E ponto.

Ame. Você tem vocação para ser feliz. Acredite!

Namore alguém que (ops... triscou, acendeu!)

Namore alguém que…
acima de tudo respeite você

Namore alguém que…
não tenha pressa no beijo – e que este seja longo, molinho e bem molhado

Namore alguém que…
priorize teu prazer

Namore alguém que…
não se importa com o que você tem, apenas com quem você é

Namore alguém que…
lhe ensaboe e lhe enxague, de costas e de frente

Namore alguém que…
adivinhe teu desejo, mesmo quando você diz não querer nada

Namore alguém que…
no frio exerça o papel de seu cobertor

Namore alguém que…
lhe trate como Chaves e não como Zorra

Namore alguém que…
diga o quanto você é linda ao perceber que, talvez, esteja sentindo-se feia

Namore alguém que…
aperte tua cintura e beije teu pescoço enquanto você escova os dentes

Namore alguém que…
não meça esforços para atravessar a cidade só para observar o teu sorriso

Namore alguém que…
lhe encontre na catraca do Metrô para dar um abraço no fim do dia

Namore alguém que…
visualize e responda instantaneamente sua mensagem

Fernando Guifer

Namore alguém que…
não tenha problemas em reconhecer que errou e pedir desculpas

Namore alguém que…
coloque teu número como favorito no plano de ligações da operadora

Namore alguém que…
por trás, te abrace com pegada na pia da cozinha – enquanto você diz ‘sai’ com ar de ‘fica’

Namore alguém que…
monte uma árvore de Natal planejando o próximo ano ao teu lado

Namore alguém que…
te lambuze com brigadeiro de colher

Namore alguém que…
te aconselhe e que também te ouça

Namore alguém que…
quando você estiver febril, administre os horários de sua Dipirona

Namore alguém que…
em noites especiais, massageie todo seu corpo com óleos relaxantes – e apertões diferenciados

Namore alguém que…

lhe faça sentir saudades

Namore alguém que…
desperte em você o gostinho de ‘quero mais’

Namore alguém que…
tenha potencial para se tornar teu melhor amigo

Namore alguém que…
jamais trocaria você por causa do futebol… (brincadeira, esse alguém não existe! - risos)

Namore alguém que…
terá você como prioridade e não opção

Namore alguém que…
seja fascinado por sexo

Namore alguém que…
segure tua mão no pronto-socorro e entre na sala para falar com o médico

Namore alguém que…
incentive tua proximidade com amigas e amigos que sempre teve

Namore alguém que…
respeite tua família

Namore alguém que…
faça você parecer louca rindo sozinha ao lembrar de um instante inesquecível

Namore alguém que…
tenha sonhos, objetivos e inclua você nos planos futuros

Namore alguém que…
seja completamente louco, mas um louco consciente

Namore alguém que…
seja versátil e criativo na hora H

Namore alguém que…
permeie entre a responsabilidade e a vagabundagem

Namore alguém que…
você possa olhar dormindo e, discretamente, sentir orgulho em estar ali

Namore alguém que…
se torne amigo dos teus amigos e amigas

Namore alguém que…
seja bem-humorado e um ‘palhaço’ de alegria contagiante

Namore alguém que…
adivinhe qual dia do mês precisa lhe comprar chocolates

Namore alguém que…
carregue tuas sacolas enquanto você aprecia vitrines no shopping

Namore alguém que…

coloque você no cantinho da calçada

Namore alguém que…
mordisque teus lábios olhando nos teus olhos com extrema paixão

Namore alguém que…
lhe faça lindas tranças e depois as dissolva puxando com força e beijando o pé de seu ouvido

Namore alguém que…
enquanto você lê um livro, a deite no colo para um cafuné gostoso

Namore alguém que…
apoie seus projetos de vida

Namore alguém que…
substitua socos por abraços fervorosos

Namore alguém que…
tenha crise de riso (apaixonado) na hora que estiverem fazendo amor

Namore alguém que…
mesmo sem técnica, proponha massagear você depois de um dia exaustivo

Namore alguém que…
troque um lançamento de ação no cinema pelo DVD de um romance mais antigo

Namore alguém que…
lhe mande flores em uma data inesperada

Namore alguém que…
não liga em se molhar enquanto segura o guarda-chuva pra você

Namore alguém que…
dispense a balada cheia por uma noite a dois

Namore alguém que…
carregue tua bolsa na rua

Namore alguém que…
te faça chorar de raiva, mas que mate você de ‘cosquinhas’

Namore alguém que…
respeite teu espaço

Namore alguém que…
mesmo sem dinheiro, lhe compre um sorvete de casquinha no Vale Refeição

Namore alguém que…
vez ou outra, abra a porta do carro pra você sentir-se única

Namore alguém que…
seja um soldado leal e animado durante a guerra de travesseiros

Namore alguém que…
não se venda como perfeito

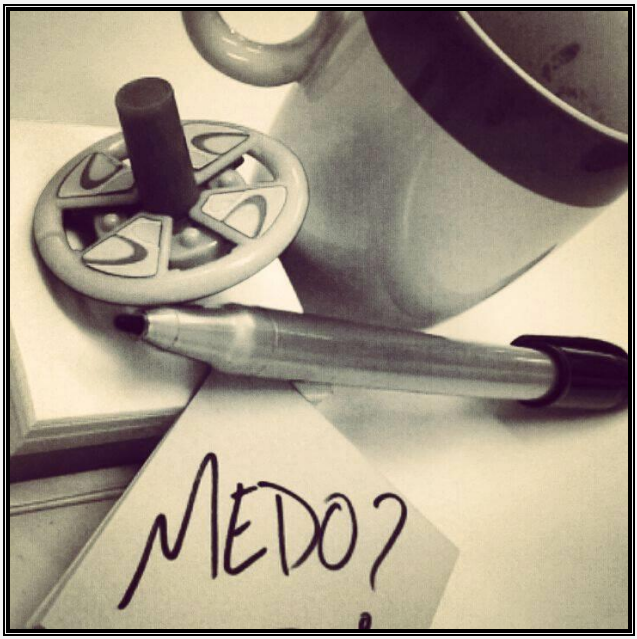
Namore alguém que…
seja pétala, espinho e, principalmente, humano.

Namore alguém que…
que diariamente diga ‘eu te amo!’

Prazer… alguém!

Fernando Guifer

Fobia de (viver a) glória



Extermina suas possibilidades.
Ele (o medo) vem, e cega; Ela (a oportunidade) passa, e vai.

Mas nem tudo se perde.
É somente alteração no itinerário.
(Levante e avante!)

Facilite a trajetória.
Seja amigo da coragem.
Esfregue os olhos.

Um pouco mais que 2 palitos

Enxugue as lágrimas.
(Adote a nova chance!)

Permita.
Arrisque.
Inove.
Protagonize!

Vença o teu (pavor).
Seja feliz!
(e depois me conta).

#oMedoQueNosCegaPeranteAsOportunidadesQuePodemMudarNossasVidas

Licença para falar sobre as mais de duas décadas sem Mamonas Assassinas

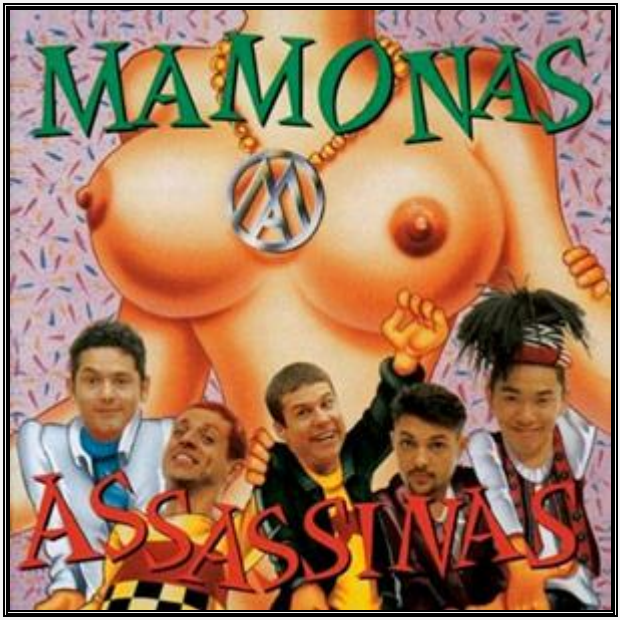


Imagem: Divulgação (EMI)

Nossa, que estranho isso, né? Da mesma forma que o tempo aparentemente voa, em algumas ocasiões parece que ele simplesmente não passou.

Com um dos maiores fenômenos (se não o maior) da música brasileira a vida foi um projétil e passou rápido até demais. Vejo muito como aquela coisa da missão, manja? Vem, cumpre e vai. Creio nisso. E pressuponho que com o Bento, Sérgio, Samuel, Júlio e Dinho não tenha sido

diferente. O quinteto chegou num momento em que o Brasil ainda chorava a perda de Ayrton Senna e parece ter preenchido momentaneamente essa lacuna que ficou no coração de grande parte dos ‘órfãos’ de um grande ídolo.

É óbvio que a banda não era uma unanimidade, até por estarmos em um país continental de incrível diversidade musical. Mas quem se importa com isso? Ser ou não querido por todo mundo nunca deve ter sido a real intenção dessa galera de Guarulhos/SP, embora fosse difícil encontrar alguém capaz de dizer que não gostava da banda na época, não por medo do mimimi de fãs chatos, mas, sim, porque Mamonas Assassinas era realmente uma banda foda – e ninguém se lamentaria 20 anos depois se não fosse.

Dinho veio lá de Irecê/BA, Bento surgiu em Itaquaquecetuba/SP, e o resto da trupe já residia na cidade que foi abençoada para dar start à essa tempestade: Guarulhos/SP.

A vida tratou de encaminhar todos para o mesmo barco e deixou claro para eles: “Vocês devem virar o país de cabeça para baixo e deixar todo mundo com a barriga doendo de tanto rir, combinado? O Brasil precisa disso agora, meninos!”

Missão dada é missão cumprida!

Você acha que é o ‘zuerão’ da turma? hahaha… sabe de nada, inocente. Qualquer Mamona ali te colocaria no bolso.

Despertar um sorriso no sofrido rosto do povo brasileiro era a grande missão que eles tinham recebido, e essa devia sem cumprida em menos de dez meses. Tempo suficiente para que o universo conspirasse em favor e os garotos do Parque CECAP fossem abraçados por uma nação carente de irreverência sincera, em que o dinheiro propriamente dito não era protagonista.

A vida entendeu que o pedido feito aos meninos tinha sido executado com sucesso e optou por dar a eles um descanso merecido, tirando-os da vida e os inserindo na história.

E apesar de uma despedida trágica, pelo menos para nós, humanos, o destino poupou que presenciassem um país que, depois de tanta alegria proporcionada por eles, entraria em uma decadência terrível de crueldade e falta de amor. Um verdadeiro retrocesso histórico. E, na boa? Os Mamonas Assassinas não poderiam conviver com tanta falta de compaixão, empatia e alegria como vivemos nos dias de hoje.

Virar referência e ser admirado mesmo depois de 20 anos em silêncio absoluto não é tarefa para amadores. E Mamonas Assassinas não era apenas outra banda engraçadinha que surgia entre milhares.

Quem tem um mínimo de noção musical entende que os caras não estavam de brincadeira quando o assunto era ligar os amplificadores para ‘workar’.

Um diferencial pouco explorado pelas pessoas e mídia ao longo dos anos é a técnica dos grandes músicos que compunham o conjunto e tornava o show deles um dos mais enérgicos e criativos do Brasil. Todos ali tinham papel fundamental e importância igualitária na assinatura da obra.

Não era apenas fazer graça. Tocar bem e levar o melhor para seu público com o máximo de respeito e investimento era premissa valorizada pelos Mamonas e seu staff. Além disso, no palco ou até mesmo fora dele, sempre foi notório que não eram personagens (apesar das fantasias), e o que estava por trás de cada um era exatamente cada um mesmo, sem poréns e sem máscaras.

E sabe de uma coisa? O povo brasileiro gosta quando é de verdade, quando não é fabricado, quando é feito com coração, quando não é pela grana e quando não é para ‘meter o louco’. Se você pretender ingressar na carreira artística aprenda isso quanto antes para não bater cabeça desnecessariamente.

Mamonas Assassinas tinha verdade, coração, alma, uma luta por trás do sucesso, e o principal ingrediente: pessoas comuns, que vieram do nada, batalharam, ouviram vários ‘nãos’ e conquistaram o objetivo sem pisar

em ninguém. A nação então se identificou prontamente e comprou a genialidade por detrás daqueles rostos.

Pode parecer clichê dizer isso e talvez até seja. Mas é bom ser clichê quando se percebe que as coisas estão perdendo sentindo. O clichê, apesar de clichê, serve para nos lembrar de valores indispensáveis que vez ou outra escapam entre os dedos.

Mas… e se eles surgissem hoje, em 2020, será que daria este ‘boom’ todo?

Primeiro que, os Mamonas como vimos em 1995 não existira, até por estarmos na famosa ‘geração mimimi’. Inclusive, Mamonas ter surgido na última geração ‘pré-mimimi’ deve ser motivo de muita comemoração para nós, quem os viu e quem não os viu, já que as músicas agora estão aí e não tem mais volta. Não adianta chorar ou reclamar das letras ou piadas.

- Ué, Guifer, mas o que isso tem a ver com os nossos ‘queridos’ mimimis atuais? -

As letras escrachadas da banda certamente seriam vistas com maus olhos hoje por pessoas que 20 anos atrás nem ligaram para isso.

Os seres estão mais influenciáveis, inflamáveis, e a opinião própria tornou-se raridade difícil de garimpar em qualquer esquina que seja. Hoje, o legal é ir aonde a maioria vai. Fulano gostou, eu gosto; Fulano odiou, eu odeio.

Imagina ‘Robocop Gay’ fazendo o público apedrejar os Mamonas por homofobia; Imagina ‘Jumento Celestino’ ou ‘Vira-Vira’ irando o público devido a tal ‘xenofobia’; As feministas pirando com ‘Uma Arlinda Mulher’; E até os cornos reclamando de ‘Bois Don’t Cry’.

Óbvio que os Mamonas de hoje seriam uma banda como qualquer outra que temos por aí, sem sal ou açúcar, e tudo por culpa de nós mesmos, que levamos tudo ao pé da letra e enxergamos maldade em qualquer brincadeira.

Mas o bom dos gênios é isso. Eles transcendem dificuldades, preconceitos, mimimis ou até mesmo a própria vida!

Nota do autor:

“embora faça parte do texto original (de 2016), o trecho em final foi destacado por não refletir mais minha opinião. No entanto, optei por mantê-lo justamente para comprovar o que sempre afirmo sobre transformação de pensamento, quebra de paradigmas e o moldar constante de nossos valores. Não estou imune. Ninguém está. É só uma questão de se permitir.”

(maio/2020)

Fernando Guifer

Suzy, Drauzio, preconceitos e abraços

Contexto: Drauzio Varella vira alvo de linchamentos virtuais de bolsonaristas

Fonte: https://bityli.com/i1qNc (08.03.2020 - Ler Agora)

Imagem: Reprodução/TV Globo

O equívoco da polêmica no caso Suzy começa quando a discussão segue a linha de que a revolta social foi ao abraço do Dr. Drauzio a uma transexual.

Não, gente. Não foi. A revolta social não girou em torno de gênero ou sexualidade, mas do execrável crime em si cometido por um… ser humano. Estamos falando de um alguém que estuprou e matou friamente uma criança de 9 anos, e isso basta. Transcende – e independe – de RG, CPF, identidade de gênero ou condição biológica do indivíduo.

Portanto, não é, em absoluto, uma indignação de cunho transfóbico, da mesma forma como não vejo no preconceito explicação ao fato de Suzy não receber visitas há oito anos.
Não recebe visitas simplesmente pq perdeu sua humanidade, não pq é transexual.

Um heterossexual que estivesse nessa mesma posição sofreria represálias equivalentes, e sabemos disso por, historicamente, termos tantas barbáries cometidas por heteros que, sim, também despertaram a fúria de parte majoritária da população.

Da mesma forma como o Dr. Drauzio foi humano em seu abraço 'sem olhar a quem', pessoas que se revoltaram por imaginar a dor daquela família vendo a assassina de seu filho sendo romantizada em rede nacional, também estão sendo humanas, por que não?

*** O preconceito que mata ***

Agora, os desvios de conduta, de caráter e alterações na personalidade de Suzy, para que ela chegasse ao ponto de cometer tamanha crueldade, estes sim podem ter, entre outras explicações, sido motivados por preconceito/transfobia, se admitirmos que a pressão de uma sociedade ignorante sobre o que considera diferente, é sim capaz de originar crimes e suicídios – além de transformar pessoas boas em pessoas ruins.

Discriminação mata suas vítimas por dentro, na unha.

Trata-se de um outro grande problema social concreto que temos na fuça e não podemos fingir que é invisível. Aliás, é de todos. Por isso, a luta por respeito e empatia às minorias e diversidades continua sendo bem maior e completamente fora da bolha.

*** Um abraço com poder didático ***

Embora considere legítima a repulsa de muita gente para com a selvageria cometida por Suzy, o linchamento pelo qual Dr. Drauzio Varella foi submetido é, além de injusto, um grande absurdo. Se houve qualquer equívoco ou omissão de dados na matéria, acreditem: não é culpa dele. Trata-se de uma questão editorial e jornalística da emissora que produziu e veiculou a reportagem.

Além disso, uma reflexão adicional precisa ser feita também:

Ou nós, seres humanos, somos moradia da fraternidade e da misericórdia, ou somos domicílio do ódio e do rancor.

Digo isto pois, apesar de compreender o comichão em prol de uma sentença que lave a alma e minimamente conforte a família atingida pela perversidade, também acredito que o abraço de Drauzio representa muito alguns predicados de que o ser humano ainda não internalizou embora tanto pregue aos quatro ventos diariamente, como o perdão, o amor ao próximo, a humildade e a fé.

Todos eles, inclusive, propagados por Jesus Cristo, homem que, você querendo ou não, em todo o tempo se posicionou avesso à tal da vingança.

Veja bem, somente um ser humano muito evoluído espiritualmente é capaz de praticar o não-julgamento diante de atrocidades intragáveis. E Dr. Drauzio Varella me parece ser um desses raros exemplares, sabe?

Uma pessoa de atitude e não discurso, que dedicou toda uma vida ao outro e não apenas a si. Exatamente o que mais precisamos e menos temos nos dias em que vivemos. Mais o ‘nós’; menos o ‘eu’.

Por isso, àqueles que se permitirem observá-lo para captar e se embriagar de suas características humanitárias, certamente terão uma passagem terráquea mais feliz e evoluída. E, se porventura os ensinamentos de Varella não puderem agregar, tenha certeza de que mal também não irão causar.

Claro que me coloco no balaio dos que necessitam de maturidade espiritual, já que também me revolto com situações que considero repulsivas e sem justificativa. A prática do perdão nunca foi fácil e a compreensão sobre algo ou alguém ainda se vende a nós como sendo um grande desafio.

A visão 360 graus de um contexto asqueroso é geralmente turva mesmo, e talvez a única e grande certeza é a de que ainda precisamos aprender muito sobre a vida.

Fernando Guifer

Que privilégio ter nascido no país dessa mente brilhante chamada Humberto Gessinger

Imagem: Wikipedia

O mais lúcido entre todos os rockstars do Brasil é, sem dúvidas, Humberto Gessinger.

O cara que, com propriedade e referências incontestáveis, cantava o hoje ainda lá, nos longínquos anos 80, com a sabedoria de quem certamente visitou o futuro e, generosamente, regressou para alertar seus iguais.

Mas é claro que sua obra, solo ou via Engenheiros do Hawaii, não tem o reconhecimento que merece na história da música deste país que, inclusive, passou a alimentar uma cultura cada dia mais controversa, reacionária e hipócrita por seus próprios produtores culturais.

Um pouco mais que 2 palitos

Quando imaginamos ser possível artistas aplaudirem a marginalização da própria arte?

Cada fraseado de Humberto é uma luz amarela que se acende em nosso hall de paradigmas a serem dilacerados; cada canção publicada pelo multiartista é uma palestra que, como poucas, nos faz pensar na cama; e, cada álbum lançado é um livro capaz de libertar as mentes mais aprisionadas.

Todo absurdo que aparente ser novidade a você ou a mim em 2019, para 1Berto era uma realidade há mais de três décadas. Um brasileiro totalmente à frente de seu tempo que merecia ter seu microfone bem mais ressonante do que tem tido na grande mídia e em nossos fones – que mais fazem os ouvidos sangrarem do que o cérebro se exercitar de fato.

Mas isso jamais acontecerá pq a música de Gessinger só inspira quem se propõe em refletir acerca dela. Não são apenas acordes, são fôlegos que pensamos já nem ter; não são apenas letras, são murros transformadores na boca do estômago.

Cérebros invioláveis jamais serão capazes de compreender a sutileza e a agressividade de suas composições, ou, menos ainda, desfrutá-las como sendo acalantos ao emburrecimento social no qual estamos expostos 24 por 48 horas.

Fernando Guifer

Se você ouvir a mesma música dele por dez anos, todos os dias, não haverá uma só audição em que não enxergará um novo elemento para aguçar sua reflexão e percepção de mundo. Cada play, um aprendizado.

1Berto representa uma voz que precisa ecoar com força mais bruta neste país intelectualmente preguiçoso.

Que privilégio ter nascido no país dessa mente brilhante chamada Humberto Gessinger.

O sentido da vida talvez esteja em sua maior dor

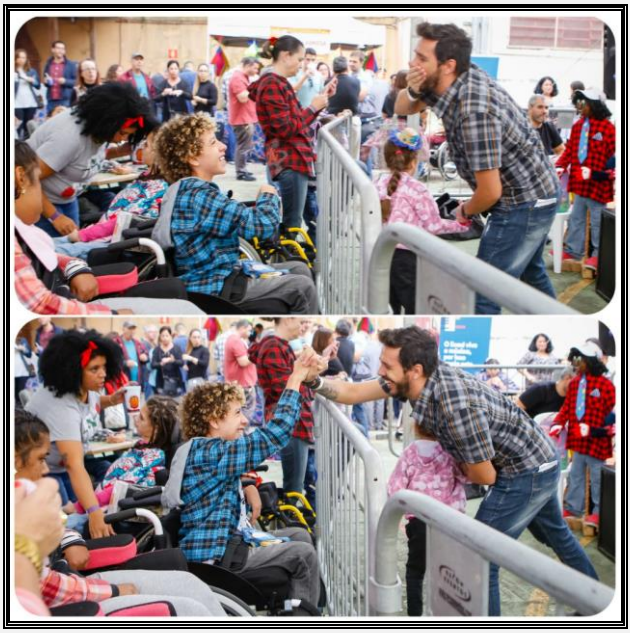


Imagem: Luca de Oliveira

O abandono paterno que sofri somado ao nascimento prematuro e a deficiência da minha filha, talvez sejam as circunstâncias de vida que mais me machucaram intimamente desde que vim ao mundo – há 34 anos.

Hoje, a paternidade, a prematuridade e a inclusão, são temas que carrego debaixo dos braços com muito orgulho. Estão em meus livros, artigos, crônicas, palestras, rodas de conversa e apresentações que faço por aí com objetivo em amenizar, de alguma forma, a dor

das pessoas que atualmente sofrem com problemas similares ao que sofri/sofro.

Fiz de minhas feridas, minhas causas. E, mais do que demorar a perceber, custei mesmo em acreditar e aceitar.

A reflexão que fica, é: será que essa cicatriz, que marcou negativamente sua alma e diariamente martela seus pensamentos com a clássica “por que eu?”, não está diretamente relacionada ao seu propósito ou missão de vida?

Será que você não foi escolhido para viver esse cenário obscuro simplesmente com a finalidade de vencê-lo corajosamente para inspirar alguém ou alguns e, principalmente, para se tornar capaz de transformar todo ódio e revolta em amor e positividade ao próximo?

Muitas vezes passamos décadas buscando compreender qual nosso real papel na sociedade e o que viemos fazer nesse mundo. E não somos os únicos. Milhões de pessoas nos deixam todos os dias sem que tenham compreendido seus propósitos, abraçando a morte com a sensação de que não fez nada útil por aqui além de um aparente passeio.

Mas, não.

Não há quem seja concebido sem propósito, sem missão. Todos temos um motivo plausível para estarmos aqui. Somos todos importantes e indispensáveis à própria existência, para uma evolução particular, ou à existência

de outras pessoas e/ou situações, no que tange ao rumo que suas vidas podem tomar a partir de nossa existência.

Contudo, o fato de milhões não acreditarem na tese de que o sentido da vida talvez esteja diretamente ligado ao que mais lhes machucou intimamente, é o que faz muitos virem e irem com o sentimento de “jamais mereci estar aqui”.

Quais aprendizados você extraiu de sua aflição?

Aliás, o que você pretende fazer com essa agonia? Apenas se lamentar e seguir vegetando, ou bater aquela poeira (que há anos lhe assombra) para dar um basta e acordar todas as manhãs motivadx em desfrutar uma felicidade que é sua por direito – mesmo quando abrir esse baú seja tão angustiante quanto uma navalha na face?

O sentido da vida pode estar no lugar mais inesperado e menos visitado por você em você mesmo.

Acredite: é no cantinho mais escuro que a tão almejada luz figura para fazer tudo valer a pena, tudo fazer sentido, e claro, proporcionar que você volte a sorrir com o olhar.

Revisite-o, revisite-a. Permita-se. Ainda há tempo. Sempre há!

Facebook: “no que você está pensando?”

Eu?

Bom, agorinha mesmo estou refletindo sobre a vergonha que sinto de parte relevante do que já fiz e disse anos atrás, sabe? Nada extremamente abominável. Apenas babaquices inerentes à própria geração de que sou parte, mas que hoje incomodam o suficiente para me causar arrependimento.

Nunca fui um homem maldoso, ao contrário. Sempre tive um coração até maior do que devia. Mas confesso que, dentre minhas incontáveis falhas humanas, a excessiva

característica de “zueiro” (pra não dizer Joselito) pode ter, de forma inconsciente, machucado algumas pessoas no decorrer desses anos todos.

Por isso, se você que me lê, foi negativamente atingido pela minha imaturidade no passado, por favor me perdoe.
E, da mesma forma com que me autocritico sem tabus, acho justo me autoabraçar para reconhecer o esforço que tenho feito para me tornar uma pessoa melhor.

Por isso venho humildemente compartilhar minha felicidade que, mesmo diante de erros e acertos, me faz sentir um mega orgulho do homem que tenho me tornado.
Não se espante se hoje me ver dizendo ‘A’ sobre algum assunto e amanhã dizendo ‘B’. Estou em (des)construção mesmo. Deixar de ser babaca leva tempo e é árduo, pois envolve a quebra de incontáveis paradigmas que carregamos desde a infância.

Mas o despertar já é louvável. O primeiro passo sempre é louvável.

Que assim seja e se mantenha…

E você, no que está pensando?

Capítulo 2

Peraí

Imagem: a soma de todos os afetos

Um pouco mais que 2 palitos

Mas, e se meus sonhos não estiverem nos planos de Deus?

Imagem: Google

Deus é amor, bem como sinônimo de esperança. E por ser tão divino Ele jamais permitirá que você sonhe com algo que não esteja nos planos Dele.

Se você tem um sonho, lembre-se de que tem permissão para nutrir tal fantasia, e por mais voltas que o mundo dê, vai realizá-lo se não desistir.

E, se porventura, em alguma ocasião este objetivo não for atingido, tenha certeza de que não foi pelo fato de não estar nos planos de Deus, mas, sim, por suas prioridades serem outras e por você mesmo ter modificado a rota do teu propósito – talvez até de forma inconsciente.

Você nunca estará sozinho se Deus estiver aí contigo. Ele vai te amparar e te surpreender positivamente. Não se desespere, você não está só.

Fernando Guifer

Parece, mas não é: quando vale a pena ‘trocar 6 por meia dúzia’?

Imagem: Reprodução/TV Globo

[geralmente] Sempre!

Porque, o medo em arriscar no ‘meia dúzia’, nos prende ao ‘6’ como se não houvesse vida fora dele. E, às vezes, o sucesso está lá no ‘meia dúzia’ e não no ‘6’, como a maioria pensa e apregoa aos quatro ventos.

Afinal, há quanto tempo você já vive imerso a um ‘6’ que, embora cômodo, não proporciona um crescimento significativo na vida profissional ou lhe provoca novas e fabulosas emoções em seu aspecto pessoal, mental, sentimental e/ou espiritual?

Se você respondeu: “há bastante tempo!”, talvez seja o momento de remar na direção do controverso ‘meia dúzia’, este que possibilitará um futuro promissor através da convivência com novos amigos, ambientes diferentes, trajetos alternativos, rotinas revigorantes e, principalmente, de renovação aos anseios e aspirações que lhe acometem, características-chave para nos abastecer com estímulos ao acordar e seguir na busca por sonhos desbravadores até o pôr do sol.

Vejo o ‘6’ como sendo aquela inércia guardada no quartinho da bagunça que evitamos jogar fora, ou até mesmo a tal da – já clichê – zona de conforto, sabe?
O ‘meia dúzia’, porém, encarna o papel de (r)evolução deste mesmo coirmão ‘6’, no entanto, ele vai além e nos permite afrontar o distinto, o desafiador, a sorte, os medos e o incógnito desconhecido, sempre da forma mais corajosa possível.

O ‘meia dúzia’ não condiz ao próprio nome, ou seja, não é simplesmente um ‘meia dúzia’ e ponto final. É o diferente. É uma variação dona daquele esperado “Q a mais” que, no primeiro momento, não apresenta impacto significativo, mas que, ao fim das contas, fará toda diferença no resultado final do sucesso almejado.

Sabe o ‘meia dúzia’?
Então… ao contrário do ‘6’, ele é daqueles que excita, e por isso nos causa essa controvérsia sedutora. Você quer apostar nele, mas, ao mesmo tempo, se faz de difícil porque, ao mesmo tempo em que ele pode mudar tudo para melhor, também é capaz de jogar tudo por água abaixo.

É um risco. Mas, oras... sempre é. E, na boa? Não há absolutamente nada de errado com esse sentimento.

Além disso, quando se cogita o ‘meia dúzia’, é porque o tal ‘6’ já não faz mais verão. O que significa que iniciou-se a busca por um frescor à alma sem que haja uma transição aparentemente drástica ao destino, que de repente possa causar desconforto de adaptação à nova realidade de vida.

Digamos que apostar no ‘meia dúzia’ é como tirar suco de uma laranja que já está desacreditada e aparentemente seca.
Para evitar um desgaste considerado desnecessário, jogá-la fora talvez seja a decisão mais assertiva, já que não ter essa laranja ou tê-la sem caldo é vivenciar na pele o famoso ‘6 por meia dúzia’, certo? Errado!

Você pode desistir e se desfazer da fruta, como pode arriscar uma repercussão inesperada. Na maioria das vezes, a persistência em apertá-la contra o espremedor nos traz um resultado ocasional e, quando algumas derradeiras gotas se desprendem e caem, são elas quem farão a diferença no sabor final da bebida.

Resumindo: sempre dá para extrair mais do que o ‘impossível’ nos aponta.
Mas nem sempre é fácil apostar as fichas naquele ‘possível’ já declarado morto pela maioria das pessoas que proferem frases como: “com todo mundo deu errado, por que comigo daria certo?”.

Hoje sua vida está integralmente no automático e todas as atividades que desenvolve estão confinadas ao ‘6’.
E mesmo que vez ou outra você tenha sentido vontade em ‘trocar esse 6 por meia dúzia’, quantas vezes recuou por achar que viveria um ‘mais do mesmo’ que não vale o esforço e, quiçá, a perda – que, inclusive, também faz parte do jogo?

O receio é nosso escudo, mas entenda que devemos ter domínio sobre ele – e não o contrário. Virar suas costas ao ‘meia dúzia’ e renovar contrato com o ‘6’ pode custar caro àquele sonho que existe desde sempre no baú do coração.

Quando você arrisca um passo para o lado oposto ao que imaginava dar há um segundo, mudou o rumo inteiro de sua trajetória de vida. Não importa se em sua cabeça nada mudou por talvez pensar que o impulso foi singelo e o movimento aparentemente irrisório.

A verdade é que tudo o que aconteceria de um jeito, agora acontecerá de outro, e não há o que você faça para mudar essa realidade.

Aliás, quanto mais você mudar, mais destinos diferentes você terá. E isso prova que o ‘6’ e o ‘meia dúzia’, embora próximos, podem trazer decepções e encantamentos tão distintos, que não há o porquê de os classificarmos como sendo integralmente similares.

E, aceitar alternativas disponíveis no GPS da vida, mesmo sendo ‘iguais-pero-diferente’, depende única e exclusivamente de nós que, desde sempre, encaramos com extrema dificuldade essa coisa do ‘mudar’ – que vai desde o aspecto mais simples, como fazer um caminho diferente que nos leve ao trabalho, até uma decisão radical e que possivelmente terá papel determinante no próprio futuro, como qual profissão seguir ou com quem se deve ir ao altar e, consequentemente, ter filhos.

O ser humano é resistente às mudanças, e isso é fato. No entanto, esse mesmo ser humano é totalmente adaptável a qualquer uma delas, e isso também é inegável.

Então, não resista.
Exista.
Arrisque.
Mude.
Transforme-se!

A ignorância é coirmã da paz de espírito

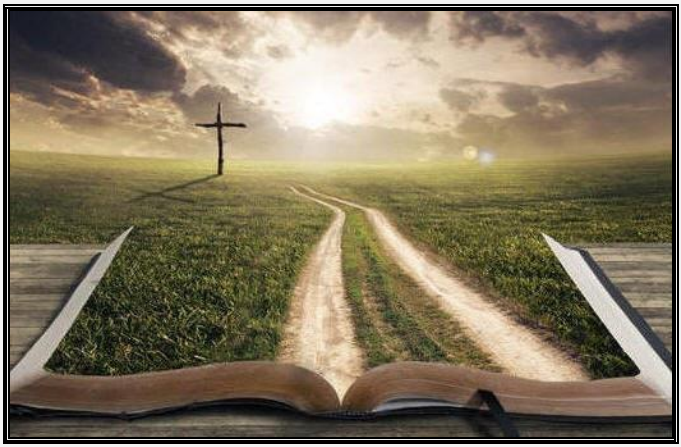


Imagem: Google

Quanto mais inquieto, inconformado e questionador você for, mais barulhenta sua mente será.

Essa coisa de ‘defender o óbvio’ a todo instante é, sem dúvidas, a mais desgastante para pessoas que utilizam minimamente o cérebro. Por isso, estar inerte a tudo e todos, fazer peso na terra, e ser daqueles que “tanto faz a água correr pra lá ou pra cá”, talvez seja benéfico à sobrevivência de qualquer um em longo prazo.

O pensar é o verdadeiro algoz da saúde mental que, mais cedo ou mais tarde, desembocará suas implacáveis dores no físico e na cova.

Quer viver mais?

Fernando Guifer

Aceite tudo, não resmungue, não opine, fique sobre o muro, abaixe a cabeça, seja um personagem conforme o mundo espera, não faça inimigos, diga ‘sim’ o tempo todo, aceite as regras, receba dedos em riste ao seu nariz, surfe a onda, seja uma unanimidade.

Quer viver menos?
Não aceite imposições, resmungue, opine, escolha um lado do muro, empine a cabeça, seja quem desejar ser, corra do título de amigão da galera, diga ‘não’ sem receios, melhore as regras, jamais permita que coloquem o dedo em seu nariz, seja a onda, evite se tornar uma unanimidade.

Viver mais ou menos depende de cada um, mas não é somente uma escolha. É uma trilha ou, mais ainda, um propósito.

Por incrível que pareça, viver menos, dá mais trabalho, afinal, requer estudo, pesquisa, coragem, comprometimento, renúncias e os dois pés no peito do status quo.

Viver mais, porém, aparenta ser mais fácil, uma vez que não requer qualquer um dos esforços citados acima. É só acordar, vagar, dormir e repetir esse looping até o coração decidir que chega.

Apesar da brevidade existencial (nesse plano carne e osso) de quem levanta e deita insatisfeito com o tal do sistema, este terá ao menos tentando mudar o mundo em grande escala ou minimamente ao próprio redor,

influenciando sua comunidade, propondo transformações, reflexões, dinamismos, quebra de paradigmas, enfim, lutando por construir um legado até o coração decidir que chega.

Até porque, os que vivem menos geralmente são aqueles que se imortalizam pela audácia. E para que a vida faça sentido, o preço é uma dor de cabeça (e por vezes no peito) que vale a pena ser sentida.

– Oras, Guifer! Mas pensar mais e viver menos agregará exatamente o que em nossas vidas? Não compensa viver mais e pensar menos? – você pode ter me questionamento em telepatia.

É uma boa pergunta, carx amigx.
Mas os que abdicam a longevidade de suas vidas em prol da criticidade e do pensar são os que verdadeiramente se doam pelos outros.
Como assim morrer sem agregar? De que me adianta assoprar 95 velas e, ao fechar os olhos antes de partir o bolo, perceber que não contribuí minimamente a um alguém, seja inspirando de alguma forma ou despertando reflexões fundamentadas?

Que raio de mundo vou deixar para meus netos?
Esse é o lubrificante do motor, entende? Ninguém vende suas primaveras de graça.

Já parafraseei isso antes e repito aqui: prefira morrer a perder sua vida.
Ainda há tempo. Sempre há…

“Transformai-vos pela renovação de vossa mente” (Romanos 12:2)

Imagem: Google

O Novo Testamento da Bíblia começou ser escrito há 1.975 anos, e lá já dizia:

“TRANSFORMAI-VOS PELA RENOVAÇÃO DA VOSSA MENTE” (Romanos 12:2)

Tu achas justo contigo mesmo, ainda em 2020, manter-se completamente aprisionado em sua verdade absoluta e imutável sobre tudo?

Abra sua mente para novas possibilidades e diferentes aprendizados. Já dizia Raulzito: “Prefira ser uma metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo…”

Paradigmas existem para serem dilacerados e a desculpa nem sempre pode ser atribuída à tal da ‘criação’.

Aliás, a menos que você ainda esteja vivendo sua infância, ok. Afinal, nossa única referência do que é ou não certo neste período inicial da vida (de formação de caráter e personalidade), é aquela que aprendemos junto aos adultos responsáveis, via palavras ou atitudes, uma vez que não temos discernimento e bagagem para confrontar o quer que seja.

Contudo, na fase adulta, essa justificativa da ‘criação’ (ou até mesmo do ‘é cultural’) já não cola mais.

Depois de “grandinhos”, temos autonomia suficiente para buscar informação, pesquisar, aprender com as relações interpessoais e, por fim, tirar novas conclusões acerca de tudo o que se aprendeu até então, inclusive para contrapor se aqueles ensinamentos de anos atrás ainda fazem ou não sentido – com simples objetivo em separar o joio do trigo no próprio caráter, este que, ainda bem, continua em pleno desenvolvimento.

Olhe no retrovisor e faça uma autoavaliação de quem era você há 10, 15, 20, 25, 30 anos e, se o “eu” de 2020 ainda for a mesma pessoa dessas épocas no que se

refere a conceitos, valores e “verdades”, acredite: algo está errado – e talvez explique muito bem seu estagnado momento de vida.

Analise também algumas das pessoas bem-sucedidas que conhece, no aspecto social e profissional. Tenha certeza de que elas são completamente diferentes do que eram anos antes. Erraram, aprenderam, se permitiram mudar e iniciaram uma boa colheita em suas trajetórias.

– Oras! Quer dizer então que, com o passar das décadas, tenho que sentir vergonha do que fazia, apregoava ou pensava no passado?

Vergonha, não. O retrovisor da vida não existe para nos causar constrangimento. Ele é indispensável para nos rememorar atitudes lastimáveis que tivemos anos atrás, mas no aspecto de aprendizado, ou seja, para termos certeza do quão elas precisam sim ficar pelo caminho e… segue o jogo, bola pra frente.

Mas só amadurece mesmo quem se permite a isso. E o ápice do aprendizado só chega quando nos damos um incisivo e verdadeiro autofeedback sem “autopassar” a mão na própria cabeça.

Lembre-se: o ‘turrão’ estaciona e, mais do que não agregar nada a algo ou a alguém, ainda prejudica seu próprio progresso e também daqueles que o cercam em todos os sentidos.

A boa notícia é que sempre há tempo aos que desejam se tornarem pessoas melhores para si e para o mundo. Não perca o seu.

Não sabe, pergunte; já sabe, questione.
Mude. Inove. Renove. Transforme!

Caos

É a partir do caos que surgem as ideias mais geniais da humanidade;

O caos é uma fonte inesgotável de criatividade.

Esqueça a ‘ordem’ porque ela é sempre aquilo lá que você já sabe e espera. A ordem natural das coisas é um saco, pois é o previsível em sua maior intensidade.

E nada mais entediante do que a previsibilidade.

Nada pior do que acordar todas as manhãs com aquela sensação de que tudo será

igual, sem um novo aprendizado e, talvez, sem um sorriso inédito.

Na real, é o caos que vai conduzi-lo aos momentos mais incríveis de sua existência. É o caos o pai do improvável, e o improvável é quem o leva a busca incessante por novas descobertas.

Nada como acordar todas as manhãs e sair sem um roteiro exato de como será o jogo da vida naquelas próximas horas. A única certeza é de novos aprendizados e a conquista de inéditos sorrisos.

Ame o caos, por mais idiota que pareça ser. Aliás, não ame. Ou ame?

Bom, enfim, que papo de doido, né? Um dia quem sabe toda loucura será compreendida.

Segue o jogo…

Pais e mães separados: incentivem seus filhos a amarem um ao outro!

Imagem: Pixabay

Primeiro: seu filho nasceu com o “HD” zerado, sem ódios, raivas, preconceitos ou traumas, prontinho para que muito amor seja “instalado” nele, e com isso se torne um ser humano fantástico pra si, para o mundo e pra vocês, pais, na velhice;

Segundo: sabe quem é o maior prejudicado durante uma briga informal ou judicial entre pai e mãe, não apenas para ver quem tem mais direitos na criação do filho, mas também por dinheiro ou qualquer bem que seja?

Resposta (óbvia): o próprio filho – ou filha.

Portanto, maturidade e consciência são minimamente indispensáveis. Provem a si mesmos que são capazes de encerrar uma relação de forma digna, grandiosa, batendo a poeira e dando a volta por cima sem prejudicar quem não tem nada a ver com o término da relação e sua respectiva causa.

Não trate o filho como um produto e não pratique um 'estica-e-puxa' com este pequeno ser que sequer pediu para estar no mundo, mas que tem uma vida toda pela frente e precisa de vocês dois para se tornar um alguém saudável, corajoso, inteligente, independente, respeitador, tolerante, sociável, empático, altruísta e do bem.

Qualquer batalha 'homem x mulher' deve ficar apenas entre os dois, que, aliás, precisam "se virar" para superarem os obstáculos – não somente pelo resgate ao amor próprio, mas, principalmente, em respeito a maior herança que esse relacionamento amoroso produziu.

A criança não tem nada a ver com os problemas particulares dos pais e precisa de blindagem durante discussões ou possíveis (e lamentáveis) agressões.

A criança deve, inclusive, ser estimulada por um a amar e respeitar o outro – e vice-versa -, principalmente quando o tal outro não estiver por perto.

Só quem já cresceu em um ambiente conturbado entre os pais sabe o impacto negativo que isso pode trazer num futuro em médio-longo prazo à criança/adolescente, tanto

em sua saúde física quanto mental, emocional, autoestima, medos, crises, traumas, etc.

Então, se vocês pensam no bem-estar dos filhos que deixarão por aqui depois de partirem… parem de se expor na frente da criança e larguem mão dessa coisa de usá-la para se beneficiar com algo.

Reforço: o maior prejudicado com a ausência do pai ou da mãe será SEMPRE o filho. E me refiro aos dois, tanto pai quanto mãe!

Nenhum filho é completo somente convivendo com a mãe, e nenhum filho é completo convivendo somente com o pai.
São amores que, embora distintos, dispõem de intensidade e importância similares, indispensáveis e "interceirizáveis". Ambos são parte crucial da felicidade da criança no presente e no futuro.

Portanto, se sua separação não tem volta e se você ama muito seu filho, plante no coração dele o quanto ele é amado pelo papai e pela mamãe e o quão legal é ter duas casas, duas famílias, enfim… mostrando sempre o copo mais cheio e o lado positivo das coisas.

Utilize a separação conjugal em favor da criação de seu filho, para que ele perceba que tem amor – e tudo mais - em dobro.

Não permita que seu filho seja o centro de um ambiente cuja intolerância é ao quadrado, em que no final de

semana ouve discursos de ódio de um para o outro, e durante a semana se depara com discursos de ódio do outro para o um.

Seu filho não existe para ser objeto de chantagem, de barganha ou permuta.
Não desperdice o maior amor do mundo com bobagens.

Priorize sempre a felicidade de seu filho.
Prefira sempre seu choro ao dele.

Grandiosidade

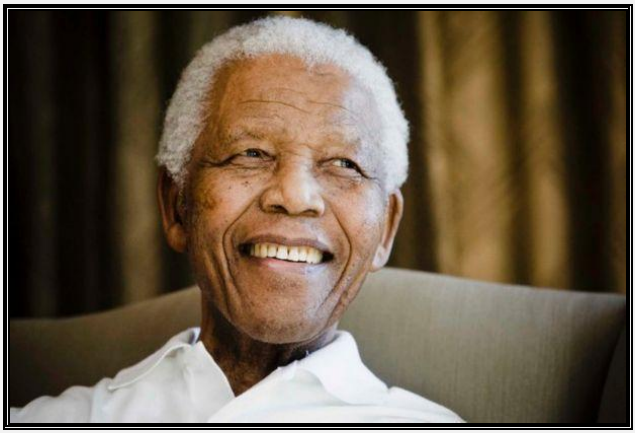


Imagem: Google

A cada pênalti que, em nossa existência, chutamos pra fora, brota-se uma pitada de humildade para mostrar que não somos nada reduzido a nitrato de pó de merda.

E não há vergonha nisso, pelo contrário.
Reconhecer a própria fraqueza ou rir de si mesmo é, indiscutivelmente, uma característica da grandiosidade dos (i)mortais que lá atrás foram chamados de loucos e que, anos mais tarde, foram premiados com a nomenclatura de gênios.

E, seguindo a linha de raciocínio de que “somos todos ‘sapientes'”, não é absurdo proferir que ser eterno depende única e exclusivamente de cada um de nós, desde que não se desista dos sonhos e, obviamente, se

produza um legado que a faça a diferença na própria vida – ou na existência de terceiros.

É uma dádiva ser reverenciado – lá na frente – como uma metamorfose que ganhou (mais) vida e aprimorou o lado humano depois de vencer os trajetos intensos que a vida impôs em um passado até que recente.

Aliás, se tornar um alguém melhor está quase sempre relacionado aos perrengues e a marola ruim mesmo – já que criamos uma casca imunizadora somente na tempestade, e não quando o barco navega em águas calmas.

A empatia será sempre a primeira grande prova de amor

Imagem: Pixabay

Entenda as dores, os anseios, as risadas, os choros, as loucuras, os projetos, o silêncio, os gritos, as opiniões, o zelo, o descaso, o excesso, a falta, os pontos de vista, os sentimentos e, enfim, o coração e a alma… do outro (não os seus)!

Essa é a – única – grande chave para desfrutar com o mundo ou a dois toda felicidade plena que a vida nos oferece.

Um pouco mais que 2 palitos

Ninguém é igual a ninguém, então, colocar-se nos sapatos do parceiro é imprescindível para o entendimento e, consequentemente, o aceite daquelas situações que lhes possam causar embaraço, brigas ou até mesmo separação.

Pratique a empatia e mude o mundo. O que é desconhecido vai virar coleguismo; o coleguismo vai se modificar para amizade; a amizade vai se transformar em paixão; a paixão vai dar lugar ao amor; e aí, meu amigo ou minha amiga, comemore… porque o amor é indestrutível.

Fernando Guifer

Hoje você vai (novamente) fazer a diferença na vida de alguém especial

Ao esfregar os olhos e se deparar com o amanhecer, apenas a certeza de que uma nova oportunidade lhe foi dada

E dúvidas surgem ao mesmo tempo para mais de 7 bilhões de pessoas em todo planeta:

– Por que levantei?
– O que fazer com essa nova oportunidade?
– Como dar minha contribuição ao mundo?

Todos os dias VOCÊ levanta com um propósito
E por mais cansativo ou dolorido que seja…
Existe algo muito maior que o faz sorrir

E lhe permite vislumbrar ser um alguém que fará a diferença naquelas próximas horas

Não é preciso ser popular para sentir-se abraçado
Não é preciso ser conhecido para ser notavelmente indispensável

Acione sua capacidade em atender uma necessidade
Conecte seu amor ao próximo
Configure o modo empatia e…
Experimente o lado de lá (mesmo que por meros instantes)

São 24 horas que você ganhou de maneira gratuita hoje
E você descobre durante as seis horas que passa na Puriflora
O porquê levantou da cama e o porque foi agraciado com essa nova chance dada pela vida

Era um propósito
Estava escrito
E você talvez nem tenha sonhado que mudaria (pra melhor) o mundo de alguém
Mas mudou, e vai mudar.

São centenas de ligações diariamente
Isso não é rotina
Isso é privilégio

Cada ligação envolve mais que uma vida, uma pessoa, uma família ou um mero círculo de amizades

Cada contato traz o peso de uma história com lutas e superações
E cada batalha merece o respeito de uma obra literária

Você tem apenas uma chance de viver
Seu cliente também
Você tem em quem confiar?
Pois… seu cliente confia a vida dele em você!

Aliás,
Não tenha clientes
Tenha amigos
E continue cuidando bem deles – como já tem feito

Existe uma arma poderosa em suas mãos
O nome dela é AMOR
Com ela é possível mudar o próprio espaço
O próprio pedaço de chão
O próprio cantinho lá no particular
Mudar a vida de muitas pessoas e, principalmente…
O MUNDO

O mundo não muda pelo muito
O mundo muda pelo pouco de cada um de nós
Nada é em vão
Você não acordou para apenas mais um dia
Faça questão de voltar para casa com a sublime sensação de ter deixado positivamente sua marca

Dinheiro é consequência, é papel
Bem-estar e qualidade de vida, não
Isso sim não tem preço. Mente sã, corpo são

Faça sempre o bem
Porque ele só volta se já tiver ido

Talvez você não saiba
Mas vai sim mudar a vida de alguém hoje
Receba mais uma vez essa responsabilidade com carinho

Você não está aqui por acaso. Lembre-se de que nada é em vão
Você é nosso orgulho!
Você é único e tem um valor customizado para alguém ao seu redor
Mesmo que este redor esteja há quilômetros de distância.

Feliz Dia do Vendedor
Ou melhor…
Feliz Dia do Promotor de Bem-Estar.

texto em homenagem ao dia 01 de outubro, Dia do Vendedor.

Fernando Guifer

Momentos...

Repare bem nessa foto em que faço xuxinhas na Laís…

Encontrou alguma coisa de anormal nessa imagem – tirando que ela está tremida e que estou fora de forma?

Provavelmente não, né?

Mas, se você reparar bem, verá que uma coisa bem legal está acontecendo aí na sala da minha casa.

Sabe o que é?

O momento.

Todos os dias nós ganhamos de Deus muitas chances para experimentar momentos inesquecíveis por 24 horas.

Porém, geralmente não aproveitamos em nada esse presente maravilhoso e ainda passamos essas duas dúzias de horas reclamando da nossa vida, falando mal da dos outros e, enfim, dando mais atenção aos problemas (e as pessoas que buscam nos trazê-los) do que ao que realmente importa e que poderia nos fazer uma caricia na alma.

Enquete rápida – você topa? Legal, vamos lá:

Há quanto tempo você não dá um abraço gostoso no filhão?

Há quanto tempo você não pergunta como foi o dia dele na escola?

Há quanto tempo não elogia suas notas e há quanto tempo não procura entender qual a dificuldade dele em determinada matéria?

Há quanto tempo você não se senta para ouvi-lo ao invés de apenas criticá-lo?

Há quanto tempo você não sacrifica um domingo de futebol com os amigos no campo da esquina, para bater uma bolinha com teu guerreiro no quintal?

Há quanto tempo não perde a novela para desembaraçar os cabelos das bonecas da tua princesa?

Há quanto tempo você não deixa de fazer um serviço doméstico para “perder” uns minutinhos com quem sempre te amou sem pedir nada em troca?

Há quanto tempo você não pronuncia palavras/frases como ‘Eu te amo’, ‘Obrigado’, Por favor’, ‘Com licença’ e ‘Desculpe’?

Há quanto tempo você vem utilizando mais a palavra ‘dinheiro’ do que a palavra ‘amor’?

No fundo no fundo, teu filho não faz questão dos teus tostões; ele só deseja ser amado. Quando for crescido, ele não vai se lembrar das moedas que ganhou do papai ou da mamãe para comprar doce na venda da esquina; a única coisa que ainda lhe fará sentido será os ensinamentos e, claro, os momentos que foram vividos entre vocês desde a infância.

E isso é sagrado, você já foi filho(a) e sabe mais do que ninguém.

De repente, o tempo está passando, não é mesmo?

Talvez por desconhecer a importância do gesto minúsculo, você não consiga dar trela para os pequenos instantes. Mas acredite: uma simples xuxinha no cabelo da tua filha ou um genuíno abração de urso no garoto

possam sim ser suficientes para dar outro astral ao teu dia.

A boa notícia é que os momentos são capazes de restaurar nossa alma das negatividades emanadas pelos maus diariamente.

A má notícia, porém, é que os momentos com essa capacidade terapêutica não podem ser desfrutados pela tela de um aparelho celular, por exemplo.

Neste caso, se a busca é pela cura de uma alma que padece na vida real, não vai adiantar em nada se alimentar de recursos virtuais, pois o máximo que conseguirá é um placebo à lá autoenganação.

Em suma: não precisa chorar (ou procurar desculpas) dizendo que não tem dinheiro para vivenciar bons momentos, pois os exemplares mais valiosos não têm preço. E isso sim é uma baita notícia, concorda?

Momentos não são compostos por glamour ou luxo, já que a essência deles está verdadeiramente nos detalhes imperceptíveis.

(nem) sempre há tempo. Vai lá, curte o momento…

É tão bom assim, do jeito que você é...

…sem maquiagem ou roupas caras, sem viagens internacionais ou carros importados, sem filtro ou photoshop…

Despida dessa fugacidade plástica imposta pela “perfeita” e ilusória “realidade” virtual, você é apenas você – e nada me enche mais de orgulho e renova mais meu amor do que isso, sabia?

Sem ‘contudos’ ou ‘entretantos’, você é dona da essência que melhor representa o conceito da palavra mulher: independente, única, inteligente, malcriada, corajosa, dona de si, comprometida, companheira, mãezona, boca-suja, amiga, satanÁries, anjo protetor,

inspiração, professora, forte, admirável, enfim… poderosa.

Não faz absolutamente nada se não puder doar o melhor de si. Não existe qualquer coisa que seja pela metade quando a pauta lhe acomete.

Um ser apaixonantemente incontestável e que exala o que há de mais puro entre todas as fragrâncias já sentidas pelo bicho-homem ou até bem além disso. Literalmente sem igual.

Sabe, Fabi, meu amor…
...é tão bom revirar na cama durante a madrugada e se deparar com seu cheirinho rente aos ombros deliciosamente camuflado entre alguns embaraçados e longos fios de cabelos…

É tão revigorante abrir os olhos durante um intervalo de sono profundo e suspirar com sorriso discreto de alívio por cair na real e perceber que, tê-la comigo, dividindo um teto, uma cama e uma família, não é um sonho irreal e que, mais ainda, posso mexer em seus cabelos, acariciar seu rosto ou velar um sono pelas horas que desejar e Deus permitir… (Uau… perdi o fôlego, desculpe…)…

(retomando…)
É tão bom observá-la à distância, durante o dia, enquanto cuida de seus iguais de forma semelhante a uma leoa que protege o próprio ninho, e desfrutar a confortante sensação de que você existe mesmo e, melhor ainda… é minha, e só minha.

É tão bom amar uma pessoa do jeito que ela é, com todos os defeitos que lhe cabe por direito, e compreender que, tudo bem, afinal, é um alguém que vale a pena todo esforço possível

Não raras vezes, me pego pensando sobre quantas pessoas existem no mundo e quantas tiveram a felicidade em se deparar com o amor verdadeiro por aí.
É quando, ainda sozinho, com a cabeça encostada na janela do ônibus, me sinto privilegiado, pois, eu sim encontrei o grande e único amor da minha vida. Privilégio de pouquíssimos em dias como os de hoje, em que o ódio luta por sobrepor ao mágico e inexplicável sentimento do amor.

É tão bom olhar pra trás e ver tudo o que a gente construiu. E melhor ainda é refletir que toda essa construção não teve e não tem relação com bens materiais ou dinheiro.

O suprassumo do amor, o extrato da cumplicidade e o filé mignon da vida. Nós, mesmo diante de todas as dificuldades impostas pelo enfrentamento diário, desfrutamos, né, parceira de vida?

Te admiro tanto…
Jamais seria capaz de assistir o mesmo filme do Adam Sandler pela milésima vez em um sábado de cobertor e pipoca, com outra covinha que não fossem as que compõem as maçãs de seu rosto. Elas, quando saltam

em relevo, denunciam o mais belo entre todos os sorrisos…

Nada prende mais minha alma à sua do que ver o quão ‘de verdade’ você é, de corpo e de alma, 24 por 48 horas.

E te amo assim. Exatamente assim. Ao infinito.

Acho que é isso, meu bem…
E olha que eu só tinha passado para deixar meu obrigado. ☆

Atenção: sugestão para o Metrô e CPTM

Imagem: Reprodução/Google

Na última sexta-feira, dia 09 de março de 2020, novamente presenciei os seguranças do Metrô de SP espancando um vendedor ambulante e furtando dele toda sua mercadoria.

Sim, pq, quando pegamos algo de alguém sem o consentimento do próprio – e sem estar à mão armada – configura-se furto.

Passei pelo tumulto refletindo sobre o que deve significar a um homem olhar para a mesa de sua família e não ter como oferecer nada durante um jantar ou café da manhã. Como deve ser o filho pequeno olhar em seu olho para pedir um pão e você precisar dizer que ele não vai comer naquele dia. Como deve ser olhar quem se ama doente,

acamado, e não ter o trocado do remédio para acabar com aquelas dores?

Com a imagem do TRABALHADOR ambulante na cabeça, tentei imaginar qual deve ser o sentimento em (mesmo diante dessa dificuldade toda) conseguir uns trocos emprestados com um conhecido – depois de se humilhar bastante – para comprar um mísero pacote de salgadinhos, colocá-lo debaixo do braço, sair para vender na intenção de voltar para casa com, ao menos, o Miojo das crianças, e não só ter a mercadoria furtada, mas também ser espancado por vários seguranças, eles que também são outros trabalhadores e que provavelmente passam por dificuldade semelhante no dia a dia.

Olha só que loucura. Humanos contra humanos. Humanos da mesma classe, vítimas de um mesmo sistema e com dificuldade similares, se digladiando e atrasando o lado um do outro. O cenário perfeito da manipulação.

Perceberam no que a gente se tornou? Marionetes que exterminam a própria espécie para alimentar seus capatazes que ficam rindo lá do ar-condicionado.

Óbvio que essa cadeia de acontecimentos é uma espécie de estopim para que transcendamos o modo ‘desemprego’ e passemos a figurar no modo ‘violência’. Já que, se não conseguir trabalho, esse pai de família, que não aguenta mais apanhar, ver seu filho dormir com fome e/ou chorar de dor, vai surtar e partir para a violência também. A mesma de que ele foi vítima.

A diferença é que ele será visto pela sociedade como bandido, enquanto o outro, segurança, que furtou sua mercadoria e o espancou no Metrô, continuará sendo aplaudido por ter feito seu “papel”.

ATENÇÃO, METRÔ E CPTM! QUERO FAZER UMA SUGESTÃO!

De tão óbvia que é, tenho certeza de que essa proposta já tenha sido feita. Mas vale o reforço.

Por qual motivo vocês ainda não criaram um plano de comércio legalizado nas estações e vagões, como forma de contribuir com a geração de empregos e, simultaneamente, com o fim da violência nas estações? Qual a dificuldade, uma vez que são instituições tão bilionárias? Incompetência ou somente falta de amor e empatia mesmo?

Desenvolvam um mecanismo de cadastramento de ambulantes VS tipo de mercadoria que pretendem vender, limitem uma cota por vagão, estação e linha, cobrem uma taxa por venda ou mensalidade pelo espaço, distribua uniformes e pronto.

Os passageiros se sentirão mais seguros e menos invadidos (já que esse é o medo de vocês), não haverá mais truculência de seguranças na fuça da população – que pagou caro para ver serviço de qualidade e não violência -, e ainda vão lucrar com o que recolherem por trabalhador ambulante.

Se vocês (Metrô e CPTM) não forem capaz de implantar um projeto desse tipo por qualquer motivo que seja, sugiro que entreguem a concessão, fechem o negócio e peçam desculpas ao usuário, pois arregar para algo tão simples e transformador é um atestado de incompetência dos brabos.

<u>Na sequência, segue o artigo complementar em que abordo o desemprego.</u>***

Fernando Guifer

Estar desempregado não é motivo para sentir vergonha!

Imagem: Vanessa Nicolav/BdF

Para falar de assunto tão delicado e que atualmente representa a realidade de 11,6 milhões de brasileiros, quero começar dividindo com vocês uma situação particular vivida por mim há um tempo e que apenas minha esposa sabe (o que talvez explique o porque estamos há 10 anos juntos, já que relacionamento também é feito de companheirismo e cumplicidade).

Vamos lá…

Já passei por diversas situações de desemprego. Algumas mais ligeiras e tranquilas, outras mais demoradas e aterrorizantes.

Em uma delas, eu morava sozinho, e a Fabi, ainda minha namorada, residia com os pais.

Teve um sábado que ela chegou para passar a noite comigo e trouxe macarrão para jantarmos. Geladeira e armários completamente vazios, ou seja, se ela não traz, ninguém se alimentaria naquela noite.

Em dado momento, ela foi ao quarto perguntar o que eu havia jantado na noite anterior e encontrou, em cima da cômoda, ao lado da TV, um pacote aberto de Sazón.
Ela me perguntou porque o Sazón estava ali e, meio envergonhado, expliquei a ela que tinha sido minha janta do dia anterior.

Disse que até pensei em dormir sem comer nada, mas tinha medo de passar mal pela falta de algo salgado no organismo. O pacotinho ainda estava próximo à TV pq acordei cedo, fui procurar trabalho e não me lembrei de jogá-lo no lixo.

Repare que, naquela altura, eu já tinha uma profissão (jornalista), contava com boas experiências no currículo e era pós-graduado. Apesar disso, não tinha sequer o que comer.

Fabi não comentou nada na hora. Virou suas costas, saiu e no dia seguinte foi ao mercado e, de surpresa, me trouxe uma compra. Anos depois, ela me confessou o quão aquilo a comoveu, principalmente por saber que eu não merecia passar por tamanha dificuldade devido o homem íntegro e batalhador que sempre fui.

Enfim, não vou esticar nesse assunto até por saber que existem milhares de histórias mais preocupantes e

comoventes do que a minha, mas optei por compartilhar essa experiência pessoal para dizer que NÃO: nem todo desempregado quer estar desempregado. Nem todo desempregado é vagabundo. Nem todo desempregado é uma pessoa ruim. Nem todo desempregado é um filho da puta. Nem todo desempregado está desempregado “pq não estudou”. Nem todo desempregado é mau profissional.

Muito, mas muito pelo contrário!

A maior parte das pessoas que estão sem trabalho neste momento são íntegras e batalhadoras.

A sensação que o desemprego nos causa é de humilhação, degradação, impotência, e, claro, impacta fortemente nosso psicológico pela incerteza da recolocação profissional, causando ainda total desmotivação, depressão, ansiedade, síndromes e até suicídio.

Um sentimento que, de tão ruim e negativo, atrapalha, inclusive, durante uma entrevista de emprego ou no momento de realizar uma prova, por não conseguir se expressar com clareza ou demonstrar suas habilidades técnicas com a facilidade que sabe ter.

Veja bem… a dignidade é a única coisa que de fato todos temos e, por ser tão importante à vida de um ser humano, digamos que ela tem peso 2 à razão de existirmos. Por isso, quando vemos essa mesma dignidade violentada, colocada em xeque ou nos sendo

tirada à força por alguma circunstância, acusamos o golpe e passamos a nos sentir o pior entre os piores, nos martirizando e nos sentindo culpados pela situação adversa (desemprego no caso), principalmente pq há o julgamento dos parentes, dos vizinhos e das pessoas em geral, que não são capazes de perguntar se você precisa de um pão, mas que são ágeis na hora de apontar o dedo e dizer que você é merecedor daquela desgraça que está passando.

Aí, você, dono da verdade aí no outro lado pode dizer:
– Ah, Guifer… mas existem pessoas más e vagabundos que estão sem trabalho também, viu. Conheço vários!!!

Sim, sim. Existem mesmo. Disso não há a menor dúvida.
No entanto, você é exatamente quem para julgar? Pq eu não sou absolutamente ninguém.
“Estou aqui para aprender, não pra julgar!” (C.B.Jr.).

Ou seja, até que me prove o contrário, vou sempre partir do pressuposto de que todas as pessoas desempregadas são boas e precisam de uma oportunidade para novamente se sentirem vivas, relevantes, indispensáveis, produtivas… e que, ao invés de julgamento, necessitam de ajuda, pois somente elas sabem o que estão passando ao serem confrontadas com a humilhação em terem a luz ou a água de casa cortadas, ou ao receberem o aviso de despejo debaixo da porta, ou precisarem dormir mais cedo para não sentirem fome.

Amanhã pode ser eu (de novo). Amanhã pode ser você.

Fernando Guifer

Quase 100% da população mundial não está imune ao desemprego e/ou a uma situação de dificuldade financeira/profissional. Quase todos estamos sujeitos, afinal, nessa vida nós não ‘somos’, nós ‘estamos’ – e amanhã podemos não estar mais.

Desemprego não tem qualquer relação com mau-caratismo do trabalhador que está sem ocupação. Desemprego tem a ver com mau-caratismo da classe política, uma vez que criar oportunidades e condições de trabalho é uma obrigação de qualquer Governo e, se porventura estão em falta, não é culpa do trabalhador.

Aliás, o desempregado é a vítima. Mártir de um sistema podre e corrupto, que ainda o faz sentir-se culpado pela incompetência dos mandatários que têm cadeira cativa nas tetas do dinheiro público.

Bom, acho que é só. Meu propósito com essa articulação aleatória é somente dar um abraço, mesmo que à distância, aos que estão na fila da recolocação. O momento de vocês sorrirem está mais próximo do que imaginam, não percam a fé ♡

Capítulo 3

Estalo

Fernando Guifer

Se tiver que perder tudo, perca. Mas preserve, ao menos, sua humanidade!

Ensinamentos de um homem comum chamado Jesus Cristo, que não têm qualquer relação com religião ou placa de igreja

Imagem: Mensagens com Amor

O dia em que você avistar uma pessoa em estado de intenso sofrimento, como um morador em situação de rua, por exemplo, e seu coração ficar inerte a essa degradante circunstância, significa que sua alma foi picada pelo mosquito da monstruosidade e que, portanto, faz-se urgente o resgate de sua humanidade - por você e pelo mundo que deixará quando partir.

Um pouco mais que 2 palitos

Recentemente, um vídeo do filósofo e professor de ética, Clóvis de Barros Filho, me fez refletir acerca do propósito de Jesus Cristo durante sua passagem na terra e, consequentemente, interliguei-o ao meu propósito de vida e de tantos outros que acreditam (ou não) na existência Dele.

Não é sobre religião, sabe? É sobre ser uma pessoa boa que optou por manter seu amor no coração intacto.

Clóvis falou sobre o quão Jesus Cristo era um homem altruísta e o quão pensava nos outros muito mais do que em si próprio. Com ele, tudo era pelo próximo, as curas, as multiplicações, as palavras de incentivo... Jesus não pensava duas vezes ao colocar-se diante de uma situação de perigo para defender qualquer pessoa que fosse, mesmo que sequer a conhecesse ou, menos ainda, fazendo distinção de raça, credo, religião, posição política, sexualidade, enfim... Era uma pessoa comum que não suportava injustiças e que, durante sua passagem na terra, lutou por ver as pessoas bem. Simples assim.

Acessível, Jesus Cristo era um alguém se doava por inteiro a qualquer um sem cobranças ou por acreditar que teria algo em troca. Ele não vivia em prol de barganhas. Sua incessante busca era por nos ensinar a ser minimamente como Ele e, portanto, trilhar um caminho similar ao que trilhou: o em servir muito mais do que ser servido.

Fernando Guifer

Um homem que simplesmente transbordava amor e, consequentemente, preservava sua humanidade ao mesmo tempo em que semeava esse espírito àqueles que o seguiam.

A palavra ‘ego’ nunca existiu no vocabulário de Jesus Cristo, que não via mal algum em ofertar a outra face durante uma briga ou se ajoelhar para lavar os pés de um igual que porventura necessitasse.

A grande realidade é que estamos vivos para ajudar, compartilhar, aplaudir, contribuir, colaborar, nos doar, para sermos úteis à vida alheia, agregar positivamente, dar à luz... tudo ao ‘outro’ e não ao ‘eu’.

Estes são os motivos que nos fizeram nascer e estar aqui hoje.

Será que temos cumprido com alguma maestria nosso propósito altruísta? Ou o próprio umbigo continua sendo a maior - e única - prioridade de vida ao levantarmos todas as manhãs?

Quando nosso pensamento está alinhado a essas práticas do ‘fazer pelo outro’, amamos quem não conhecemos e, mais do que isso, sofremos ao ver o tormento de alguém que nunca vimos antes.

E, esse tal 'sofrer de amor' por alguém desconhecido, talvez seja o grande termômetro de como anda nosso espírito benevolente.

Não é piedade, não é dó. É amor. É o anseio em ir lá e fazer algo em prol. É o adiantar o lado de alguém e não atrasar.

E quando o contrário a tudo isso ganha força em nós, significa que estamos perdendo nossa identidade enquanto seres humanos.

Ver um cãozinho sendo atropelado e continuar a caminhada sem prestar socorro, presenciar um suicídio e ter como primeira atitude ligar a câmera do celular, avistar uma criança no farol e não se comover com o fato de ela nunca ter ido a um parque, conseguir jantar sem ter o estômago embrulhado ao ver no telejornal que um pai jogou a filha pela janela...

Quando situações que deveriam soar como inimagináveis e inadmissíveis passam por nós com naturalidade sem que esbocemos qualquer revolta ou tristeza, é hora de autoavaliarmos em qual nível e lado de humanidade estamos – e o que pode ser feito para corrigir a rota.

Ser devoto de Jesus Cristo é muito além do dízimo e da oferta. Isto para ele, tenho certeza, era o de menos. O que ele sempre buscou transmitir era o amor. Sua luta foi sempre por não deixar o amor entre nós esfriar. Então, quando tentamos manter acesa a chama do amor mesmo em tempo obscuros, estamos sendo pessoas boas para nós e para o mundo.

Jesus se agrada é disso, parceiro.

Fernando Guifer

Para finaliza, de novo:

O dia em que você avistar uma pessoa em estado de intenso sofrimento, como um morador em situação de rua, por exemplo, e seu coração ficar inerte a essa degradante situação, significa que sua alma foi picada pelo mosquito da monstruosidade e que, portanto, faz-se urgente o resgate de sua humanidade - por você e pelo mundo que deixará quando partir.

“Nossa! Tudo agora é racismo, tudo agora é homofobia, tudo agora é xenofobia, tudo agora é machismo... Essa geração é muito chata!”

Sim. Tudo agora é. E posso te revelar uma coisa? Sempre foi. A gente é que se acostumou a ser babaca.

Imagem: Reprodução/Três é demais

Militar pelo respeito ao próximo não é e não deve ser considerado “mimimi”. É um trabalho de desconstrução seguido de uma reeducação. Tarefa fácil? Não. De jeito nenhum. Até por que, foram décadas e décadas de um ‘pode tudo’ desmedidamente sádico que tinha alvos bem definidos: negros, gays, deficientes, nordestinos e até mulheres.

O ser humano sempre foi cruel e mal educado com as minorias e com o considerado diferente, mesmo que, com

o passar dos anos, certas práticas tenham sido “só de brincadeirinha” e não “na maldade”.

Lembre-se: o que não é na maldade também machuca. Mas claro que, se você não é alvo, não sentirá dor.

– Afz, Guifer… antes podia tudo e ninguém reclamava… a internet que causou esse reboliço todo –

Claro que podia. Ninguém tinha voz. Os microfones mais poderosos estavam nas mãos de meia dúzia. Nosso comportamento sempre foi manipulado pelos grandes conglomerados de comunicação. O máximo que você (espectador, telespectador, ouvinte, leitor e/ou consumidor de publicidade) tinha acesso, era em mandar uma carta para determinado veículo ou agência para explanar sua opinião. E, claro, se fosse uma crítica, ela não seria sequer considerada/publicada.

Com a revolução tecnológica e o acesso à internet, todos têm seu próprio veículo de comunicação (sim, seu perfil aí é um veículo!) para expor suas preferências e valores. Quer ter um programa no formato de TV? É só montar um canal no Youtube. Quer ter um programa no formato de rádio? É só montar um podcast.

Hoje, todos temos direito a um microfone com alcance minimamente decente – o que jamais aconteceu na história. Por isso, pessoas que sempre sofreram caladas, não mais se calarão.

Dispomos de duas opções:

1- Manter nossas falidas convicções sobre algumas temáticas e continuar com o cérebro estagnado em 1920, matando pessoas fisicamente ou psicologicamente na unha;

2- Aproveitar este momento (histórico) para tornarmos nossa raça de fato evoluída em aspectos que sempre patinou, pedindo desculpas, colocando o rabo entre as pernas e reavaliando algumas crenças.

Manter certas crenças – e culpar o ‘cultural’ por isso – nos mantém parados no tempo e nos torna resistentes à mudança, pois acaba sendo o álibi que precisamos para continuarmos agindo de forma equivocada sem aparente culpa.

Contudo, vale refletir que o tal do ‘cultural’ que obrigou os alvos de “brincadeiras” escrotas, mesmo com sorriso amarelado, a rirem de si próprios sem saberem o peso que cada palavra pesada ou piada fora de hora tinha para seu grupo social ou para seu psicológico em médio/longo prazo.

– Cada vez que um negro ria de uma piada de negro, ele corroborava com a discriminação da própria raça e fortalecia os argumentos racistas que lhes tirava direitos e os chicoteava – mesmo que mentalmente;

– Cada vez que um gay ria de uma piada de gay, ele fortalecia estereótipos preconceituosos que continuaria matando seus iguais;

– Cada vez que um deficiente ria de uma piada de deficiente, ele endossava ao mundo que era despesa, que merecia dó e que era incapaz de ser produtivo e realizar sonhos;

– Cada vez que um nordestino ria de uma piada de nordestino, ele chancelava, ao resto do país, que era preguiçoso, burro e improdutivo;

– Cada vez que uma mulher ria de uma piada de mulher, ela aplaudia a crença do machismo, da misoginia e da cultura do estupro.

Só que agora todos eles têm voz e pararam de rir das piadas que sempre os desonraram e os diminuíram perante à sociedade.

Ou seja, essa mudança de comportamento deles e de quem se propõe em ser uma pessoa melhor a cada dia, quebrando paradigmas, crenças, reavaliando valores e se colocando na condição de um eterno aprendiz, não é insumo de “mimimi”. É luta. E, mais do que necessário, mudar agora – e pra ontem – tornou-se indispensável para que tenhamos pessoas mais humanas no futuro.

Até que a primeira crise os separe!

Quer ser feliz no amor? Mude. Ou morrerá sozinho(a)!

Sabe por que alguns casamentos duram 50 anos ou mais?

Certamente não é porque são compostos por almas-gêmeas, e sim, por serem compostos por almas distintas que resolveram engolir o próprio ego e entenderam que são diferentes e, portanto, precisam ser adaptavelmente tolerantes. Simples.

O mais belo não é ter apenas que lidar com as qualidades do parceiro; o mais belo é ter sabedoria para lidar com os defeitos, pois é isso que vai determinar a durabilidade (ou não) da relação.

Victor Moura/Reprodução

Fernando Guifer

O futuro afetivo não é uma matemática exata que possa ser medido, por exemplo, pelas páginas de uma revista “Capricho” ou pelas previsões de um (astrólogo) João Bidu da vida.

O universo que rege o amor e as relações de afeto é mais abrangente e possui muito mais nuances do que a mente humana pode imaginar.

Não tem essa de “meu número” ou “tampa da minha panela” ou o tal “encaixe perfeito”. Não há segredos para o amor se não o simples ato em amar.

O que existe é: pessoas mais tolerantes e pessoas menos tolerantes; pessoas mais turronas e pessoas mais flexíveis.

Se você (der sorte e) se relacionar com alguém tolerante, terá 50% do caminho andado. Aí, então, deverá cruzar os dedos para ser parte dessa completude, ou seja, torcer para que você seja os outros 50% de tolerância que falta para dar ‘match’ e seguir com sua relação de forma estável.

Todos podemos ser o par perfeito de alguém, desde que estejamos dispostos a mudar para então dividir momentos marcantes ao lado desse determinado alguém.
Do contrário, não seremos o par perfeito de ninguém e nem um bom par para qualquer alguém que seja.

O relacionamento começa a dar certo quando entendemos que nosso par é diferente de nós e achamos isso natural.

Mas, olha… não é na crise que isso será descoberto.

Vocês terão que passar pela crise para conseguir absorver, mastigar, entender, internalizar e então tirar a venda dos olhos. A crise na relação nos cega para as qualidades e nos desperta para os defeitos do parceiro, por isso nenhuma decisão deve ser tomada durante um transtorno de convivência.

E apesar das especulações sobre a tal dificuldade de convivência (namoro, noivado ou casamento), não há como dizer quando será o ápice do desentendimento, simplesmente por não ser possível prever qual será o estopim causador das primeiras “discussões de relação” (ou ‘DR’ para os mais íntimos).

Algumas pesquisas apontam que a primeira grande crise acontece geralmente quando o casal está há dois anos juntos, período em que o gostosinho já não é mais tão gostosinho, e que os defeitos, até então camuflados, começam a dar às caras e criar um círculo vicioso de irritabilidade na dupla.

Sabe aquela história do ‘*não adianta fazer tudo igual e esperar resultado diferente*’? Pois é. Se quiser manter uma relação até a tal morte dar um basta, tu vais ter que se mostrar outro, entendeu? Não existe atalho nesse sentido.

Por um lado: se você insistir nessa de “é meu jeito e não mudo por nada” e “me conheceu assim, agora aguenta” – certamente vai morrer em uma decadente carreira solo;
Por outro: se você resolver tomar juízo em prol de uma feliz vida a dois, envelhecerá em uma dupla de sucesso.

Novamente o destino deu voltas e jogou a escolha no teu colo.
É simples: quero ou não quero, aceito ou não aceito.

Casou? Esqueça a vida de solteiro. Não é prisão, é respeito. Não queira para o outro o que não deseja pra si. Não se trata de frouxidão, mas de empatia.

E ela, a empatia, será sempre a primeira grande prova de amor.

Quanto mais tempo juntos, maior o desgaste e, consequentemente, maior a probabilidade do fim.
Bem, pelo menos é isso o que dizem os “sábios” sobre o começo do fim dos relacionamentos amorosos, não é mesmo?

Contudo, apesar dessa pitada de lucidez no fundo do pote, não é (nem de longe) uma verdade que deva ser levada ao ferro e fogo ou muito menos um parágrafo que mereça ser encerrado com ponto final.

Insisto na tese de que as vivências – sejam lá quais forem elas – são pessoais e intransferíveis. Caímos naquele clichê de que “ninguém vive das experiências dos outros” e que cada um poderá definir o destino através de escolhas e atitudes e, portanto, desfrutar de um final diferente do que outros viveram – para o bem ou para o mal.

O tempo médio para uma relação formada por fios descascados dar início às faíscas/curtos-circuitos varia de casal para casal, e a maturidade (ou a falta dela) é quem vai ditar a união até que a morte ou até que a primeira crise os separe.

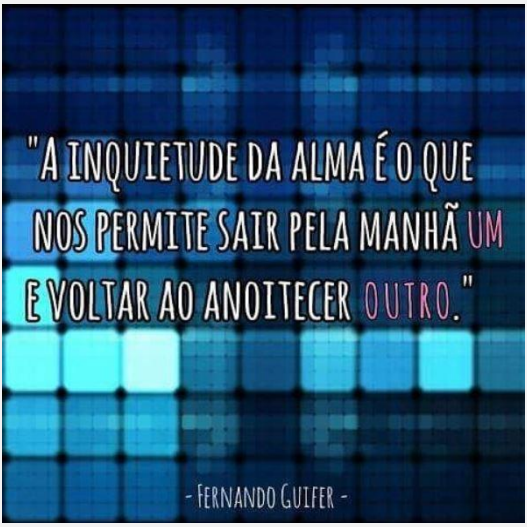
Somos um diamante bruto que, nos casos de relação afetiva, precisa ser lapidado por nós mesmos.

Primeiro: porque ninguém é capaz de nos mudar;
Segundo: porque ser feliz é uma alternativa que deve partir sempre do maior interessado (ou seja, nós mesmos).

Não existe quem seja capaz de fazer a gente mudar, mas a gente é profissionalmente habilitado em mudar por um alguém especial. Tudo é uma questão de esforço e tentativas.

Não é tarefa fácil dar um gás na personalidade ou nos hábitos já condicionados na vida de solteiro, mas quem disse que seria? Quem foi o insano que proferiu aos quatro ventos que a felicidade cai no colo?

Essa adaptabilidade é difícil e requer uma força de vontade absurda, assim como qualquer mudança brusca na vida. Costumo dizer que nós, humanos, somos muito resistentes às mudanças, entretanto, o lado bom é que nossa capacidade em se adaptar ao novo também é incrível.



E quando essa mudança e inquietude têm como propósito ser feliz, elas tornam-se prioridades imediatas.
É progresso, meu amigo.

Vá lá, reflita, mude, cresça, ame, e seja feliz!

Fernando Guifer

Nudez

Não importa o(s) filtro(s) ou qual cenário espetaculoso foi escolhido para figurar como pano de fundo daquele instante “especial” – criado para enfeitar nossa fuça e (talvez) compartilhar o que jamais vivenciou-se de fato.

No fim das contas, ele, O OLHAR, é quem terá a real missão de, botão por botão, despir com maestria nossa alma através do famoso choque de realidade, fincando os pés no asfalto e denunciando ao mundo o nível de veracidade em que essa tal vida se encontra, mesmo que a pose e o sorriso persiga um caminho totalmente contrário e/ou utópico.

Um pouco mais que 2 palitos

Quando você dispõe um expressivo olhar na direção do infinito, ele não é em vão. Saiba que é naquele instante que sua verdadeira nudez vem à tona.

E o nu, embora controverso, é sublime, é lindo, é puro, e um importante condutor de paz e tranquilidade casado com pitadas de amor e coração-barra-verdade.

É natural que apreciemos com mais afinco o nu físico ao nu da alma. Somos bichos (escrotos) condicionados ao julgamento de livros pela capa.

Contudo, apesar de o exterior também dispor naturalmente de uma beleza sem igual, não se compara – em hipótese alguma – com a nudez da alma, esta que revela o eu ao outro de um jeito explícito e inteiro, sem poréns e ou muito menos photoshop.

Afinal, dinheiro, tênis, carro, maquiagens, pontos turísticos e baladas, ainda não são elementos fabricados com efetivo poder de camuflar as dores e os anseios que nossa retina insiste em denunciar ao próximo (independentemente do grau tecnológico aplicado à câmera de fotografia em questão).

Desta forma, sorria para a selfie e prepare aquele bico destilador de suprema felicidade. Mas, olha, não se preocupe com a legenda ou descrição, ok? Vai por mim, é algo indispensável.

Seu olhar é a melhor legenda sobre quem tu és e qual momento de vida tu desfrutas!

Fernando Guifer

O futuro e os outros dependem de você ou é você quem dependerá de um futuro criado pelos outros?

Imagem: Google

O futuro está sob domínio de uma humanidade que foi dividida em dois grupos de pessoas:

1- As que mudam o mundo e buscam incessantemente deixar sua marca na história;

2- As que estão presas na zona de conforto assistindo toda metamorfose pelo vidro.

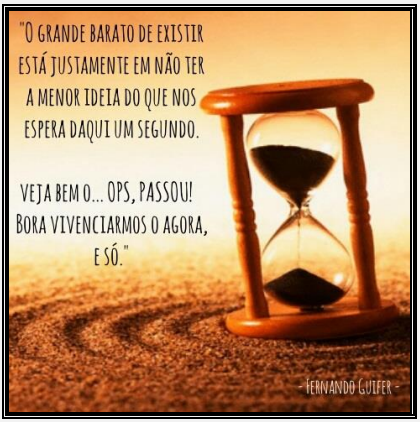
Com isso, você passou a ter duas opções para fazer (ou não) a diferença e, quem sabe, mudar o rumo da tua história:

– Vencer o medo do improvável, juntar-se ao grupo 1 e deixar sua loucura fluir para contribuir e ter poder de voz ativa;

– Estacionar em sua zona de conforto e ser, por toda eternidade, parte do grupo 2, este que é dominado pelos loucos corajosos.

E então, já decidiu a qual grupo você pertence? Porque é sim uma questão de escolha.

Veja bem o... ops, passou!



Será que fazer planos é realmente necessário e tem efeito real sobre nossas vidas, ou essa mania que nutrimos em projetar escolhas não passa de uma simples ilusão criada por nossa mente para nos dar a falsa impressão de que estamos no comando – e então nos permitir ser mentirosamente felizes?

Afinal,
O controle remoto está ou não nas mãos de Deus?
Temos ou não qualquer domínio sobre o ser, ter ou estar?
Somos nós quem desenhamos o destino ou ele já está traçado desde que fomos concebidos?

Ah, os questionamentos…
O que seria da nossa vida sem eles, não é mesmo?

Fernando Guifer

Existem dias bons e dias ruins.

E hoje é um dia muito ruim, pois perdi um amigo especial...

Contexto: Morre Roberto Gómez Bolaños, criador de Chaves e Chapolin

Fonte: https://bityli.com/jRs3l (G1 – 28.11.2014)

Imagem: Google

Todos os dias quando abro minha timeline vejo um post de luto sobre a morte de Bolaños e acabei me acostumando com esse boato inútil gerado por pessoas que não tem o que fazer e, aparentemente, não tiveram o privilégio de apreciar referido talento na infância.

Um pouco mais que 2 palitos

Hoje, porém, não é um mero boato, né? Infelizmente não há ninguém que possa me beliscar e dizer que tudo o que estou vendo, lendo, assistindo e ouvindo, é mentira. Cheguei agora em casa e essa é a notícia que recebo pra iniciar o fds após um dia exaustivo de trabalho.

Roberto se foi, e agora é de verdade. Para muitos, apenas o 'Chaves' ou o 'Chapolin'. Pra mim, um amigo de infância.

Um ser humano que se travestiu diversas vezes com intuito único de colocar um sorriso, mesmo que tímido, no canto da minha boca. E assim o fez por muitos anos, milhares de vezes, e não somente com o tal sorriso tímido, mas, na maioria das vezes, proporcionando gargalhadas mais do que acentuadas.

Bolaños era mais do que um bom ator. Era também autor, escritor, diretor, cineasta, produtor e criador das personagens, realizando cada atividade mencionada com amor e paixão à profissão. O cuidado que tinha com os discursos e textos certamente é um dos segredos de sucesso das séries que produziu e que exportou para centenas de países em todo planeta.

Conquistar um público-alvo não é algo fácil seja lá qual for a profissão. E conquistar um público cujo alvo são as crianças, aí meu amigo… pode triplicar o nível de dificuldade.

Criança não finge, criança não faz média. Com a criança é assim: ou gostou ou não gostou, e ponto. E Roberto conquistou algumas milhares com maestria e tornou-se

um grande case de sucesso, principalmente por não ter somente prospectado um público, mas por ter fidelizado ele por ‘apenas’ uns 40 aninhos.

Acho que o tempo foi amigo do Bolaños e suas séries. Graças à imbecilidade humana que só tem aumentado, tudo o que se vê na televisão hoje em dia conta com apelo sexual e violento.

Mas como alguns ainda procuram qualidade no discurso e pensam seriamente na educação de suas gerações, assistem e repassam programas de qualidade para que se perpetuem e não sejam esquecidos.

A linguagem dos programas de Roberto são circenses e sem conotação apelativa intencional. Personagens caricatas, com bordões e episódios que procuram vender positividade, são as marcas registradas, bem como a questão cenográfica sem tecnologia – mas que dava conta do recado e, sem querer querendo, fez com que milhões se identificassem.

Teria muita, mas muita, mas muita coisa mesmo pra falar sobre minhas percepções de sua obra, porém, por respeito, prefiro me recolher à reflexão e apenas pedir a Deus que guarde sua alma em um bom lugar, já que fez tanto por nós e merece ficar na paz do senhor eternamente.

Em minha pele eternizei há mais de dez anos o menino ‘Chaves’, não por ser meu favorito, mas para humildemente demonstrar toda gratidão e respeito que

tenho, até por quê um dia quero sentar com minha filha, mostrar essa tatuagem, e ter a chance de contar a ela quem foi Roberto Goméz Bolaños. E, assim como eu, ela vai se orgulhar, tenho certeza disso.

Essa história não acaba aqui.

Paz!”

Que tal uma faxina na alma?

Ótimo!

Não brigue com tuas raízes, tenha orgulho da própria essência, foque nas pequenas coisas, mire na simplicidade.
Tire o “rei da barriga” e seja logo quem se é. Até por quê, o tempo voa e quando ver, puff… viveu-se a vida na pele de um alguém desconhecido, simplesmente para sentir-se notado e bem visto por uma sociedade que faz igual, ou seja, onde nenhuma pessoa é ela mesma.

Se autoanalise e vá lá no íntimo pesquisar o ser que se perdeu pelo caminho.
Conheça melhor a si próprio, afinal, como vencer um jogo quando não se conhece as regras? Missão impossível.
Você é o jogo e tua essência são as regras.
Se perdê-la ou não entendê-la >>> jamais sairá vencedor de uma batalha difícil, mesmo que o adversário seja o próprio espelho.

Esqueça a quantidade de 'curtidas' e dê de ombros ao número de 'seguidores'. São apenas números, nada mais do que isso. Tua estima não pode ser medida por um número fugaz. Você não é um numero, então, não se venda por um somente para ter a casca massageada.
E o tal "eu interior", como vai? Pois é…

Viva os pequenos detalhes.
Aliás, sempre o menor deles.
É lá – no compartilhar uma xícara de açúcar com o vizinho – que tua felicidade está escondida só esperando você entender quem é.

É isso. Tua felicidade insiste em lhe explicar (e suplica para que você entenda) que não precisa fingir ser outro para sorrir e ser plenamente satisfeito com as horas que ganhou de presente hoje.

Ainda pretende perder mais quanto tempo?

você e eu precisamos das pessoas.

(aceitemos que dói menos)

Somos humanos e sabemos perfeitamente que não é fácil lidar com a sensação do ‘precisar’, independentemente se de algo ou alguém, já que é iminente ao nosso instinto achar ser dono do próprio nariz e, consequentemente, senhor de todas as dores ultrarregeneráveis.

– Como assim não sou autossuficiente para tomar decisões e/ou resolver meus próprios problemas?

Não, não é. Aliás, não somos ou jamais seremos!

Segurar (firme) um braço que se estendeu em nossa direção naquele instante de necessidade é – geralmente – encarado por nosso “sábio” ego como uma sequela negativa de decisões equivocadas que adotamos no passado, daquelas que martela o sono da madrugada com extremo sentimento de fracasso e invalidez.

Mas… quem nunca passou por uma dificuldade que atire a primeira pedra; e quem nunca precisou curvar-se ao auxílio de alguém próximo que dispare uma segunda maior e ainda mais pesada.

Somos todos dependentes um do outro nos mais diversos âmbitos desse plano espiritual, seja financeiro, emocional, profissional, pessoal, e tantos mais que não me recordo para citar.

E a grande realidade é que, seguir na contramão dessa necessidade do ‘precisar de alguém’, pode ser considerado um ‘tiro no pé’, vendo que jamais seremos capazes em prever o dia de amanhã.

Os anos passam e uma das primeiras coisas que aprendemos na fase adulta é: nada está efetivamente sob o alcance das nossas mãos.

Em muitas das situações no dia a dia (aliás, na maioria delas) nosso destino está sob o veredito ou a escolta de terceiros. E quando essa verdade vem à tona, ou seja, assim que caímos na real de que nem sempre será do nosso jeito, acabamos inundados pelo medo, angústia e insegurança.

É como se descobríssemos que o mundo em que vivemos e as decisões que tomamos são totalmente independentes e quase nunca giram em torno do próprio umbigo.

Não é fácil aceitar que o controle remoto da nossa vida esteja sempre com a pilha falhando e que, vez ou outra, precisaremos de assistência na manutenção para seguir zapeando tranquilamente.

O que antes era, agora já não é; o que nunca foi, agora passou a ser. E assim por diante – independentemente do que eu enxergue como bom ou mau para minha vida.

Sozinho não somos absolutamente nada, e o mais inteligente mesmo é desfrutar um relacionamento estreito e amigável com o próximo, buscando entender e internalizar aquela sutil máxima de 'colocar o rabinho entre as pernas' para, ou assumir que precisa de ajuda, ou para não desperdiçar a oportunidade em se tornar um alguém especial ajudando a quem precisa.

O 'trocar', o 'ajudar' e o 'ser ajudado', é uma necessidade básica de nossa espécie – e, isso tudo, embora simples, pode ser considerado o auge da lucidez por estar tanto em falta nos dias em que vivemos.

E por mais problemas que tenhamos e que possam surgir a todo momento, quando seguimos a cartilha do professor Girafales, de 'regras básicas de educação elementar que precisa ser praticada naturalmente',

sempre existirá aquela certeza de que não se está abandonado quando mais se precisar de um ombro, um conselho ou até mesmo um empréstimo financeiro (por que não?).

Humildade, educação no tratamento com as pessoas, gratidão, empatia, simpatia, deixar sempre as portas abertas, e nunca se achar melhor do que o próximo (porque de fato não se é), talvez sejam algumas chaves para nunca passar aquele aperto inesperado nos dias de escuridão, pois, se trancafiar em um mundinho inacessível aos nossos iguais pode nos definhar – pouco a pouco – na unha.

Portanto, não perca de vista tudo o que tem plantado pensando em seu futuro e, principalmente, não se feche aos que desejam contribuir com ele.

Você e eu precisamos das pessoas.
O melhor é aceitar porque dói menos.

Fernando Guifer

Istoé: “Ludmilla diz que perdeu contratos após assumir namoro com bailarina”

Contexto: Ludmilla diz que perdeu contratos após assumir namoro com bailarina

Fonte: http://bit.ly/31hjmEk (Istoé – 24.06.2019)

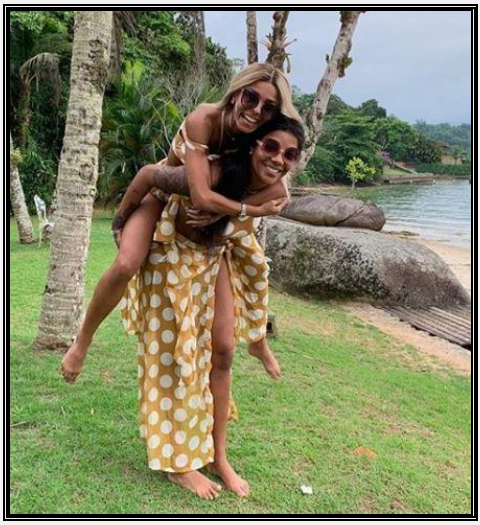


Imagem: Reprodução/Instagram

Aí vocês me perguntam:

– Guifer, e desde quando tu ouves funk?

Não, fiote. Não ouço.

Embora o gênero tenha lá seu valor cultural ao país – você querendo ou não -, confesso que esse não é um ritmo que me cativa nem de longe enquanto ouvinte musical, pelo contrário.

No entanto, é libertador ver uma negra, funkeira, periférica, mulher e lésbica fazendo sucesso e desfilando sua arte nos principais veículos de entretenimento de um país, que é assumidamente racista, machista, homofóbico e sofre com a síndrome do emergente (aquele em que o pseudo-classe média atrasa o aluguel e deixa de pagar a pensão só para ter um iPhone sem créditos).

Transcende gosto musical, saca?

Existem algumas lutas pesadas por detrás de uma Ludmilla e essa parada do ‘nascer perdendo de 3 a 0’ e não aceitar ser menos do que merece ser, simplesmente me encanta desde moleque.

Tu tens noção de quantas Ludmillas existem e estão sendo massacradas por aí neste exato momento apenas por serem mulheres, negras, gays, funkeiras e faveladas?

Ou seja, massacradas apenas por existirem?

Tu tens noção do quão incansavelmente o Brasil trabalha para calar nossas Ludmillas ao invés de incentivá-las e lhes oferecer oportunidades igualitárias?

Tu tens noção de que, guardada suas devidas proporções e lutas, você talvez seja uma Ludmilla em sua realidade particular?

Desculpe, sociedade. Mas é lindo ver os fodões “machos”, heterossexuais, branquelos, de classe média e que acreditam em seu gênero musical favorito como sendo o único audível e inteligentão do universo, baixando a cabeça e dando espaço para uma negra, funkeira, periférica e lésbica.

É o tal “sambando na cara da sociedade” ali, nú e crú, ao vivo e em cores, traduzindo ao pé da letra o significado desse sábio e clássico clichê de boteco.

Daí vemos essa notícia de que a cantora perdeu contratos por se assumir homossexual.

Sim.

Em 2019.

Perdeu.

Contratos.

Pq… é gay.

Bora rir para não chorar? Kkkkkkkkk….

Sabe de uma coisa?

Você compreende que a luta vingou quando lhe surgem sinais claros de que incomodou de alguma forma.

Como assim esperar que um país como o Brasil, povoado por 90% de seres cujo cérebro está em 1.500/A.C, aplauda o fato de uma pessoa amar outra do mesmo sexo?

Que absurdo. Seria muito fácil e muito humano, não é mesmo?

Digo e reafirmo: todos os contratos perdidos pela Ludmilla me fazem tirar o chapéu para ela.

Conforme mencionei nas primeiras linhas: não sou consumidor de sua música – e não há indícios de que venha ser um dia.

Mas não há como esconder meu máximo respeito por quem incomoda e causa comichões nos reaças preconceituosos.

Em 2070, olharemos essa notícia da 'Istoé' e pensaremos:

"Meu Deus, como éramos imbecis em 2019".

E tudo isso pq, nesse passado (hoje presente), algumas pessoas levantaram bandeiras e deram a cara para bater, arriscaram contratos, dinheiro, fama, poder e, como bem sabemos, colocaram até a vida na berlinda.

Mas foram elas que conquistaram essa frase acima, de 2070.

Transformar mentes e reconstruir valores é o maior legado possível. Dinheiro é papel.

Portanto: Voe, Ludmilla.

E te digo:

Embora a idiotização humana tenha se propagado na velocidade de um trem bala, a desidiotização agora acontece em super câmera lenta e, talvez por isso, não estejamos mais aqui para desfrutar uma transformação positiva que virá disso tudo.

E virá, acredite.

Hoje você perdeu um contrato para que, em 2050, outra Ludmilla (que talvez nem tenha chegado ao mundo ainda) possa desfrutar dele e continuar lutando – ao infinito e além.

Plantaremos amor, respeito, empatia, altruísmo e cidadania hoje, para os que estão nascendo agora façam a luta ter valido a pena lá na frente.

Cabresto

Aluno, querido: quem descobriu o Brasil?

- Pedro Álvares Cabral, professor.

- Perfeito. Tirou 10!

Certamente foi essa história da carochinha que lhe enfiaram goela abaixo desde os primeiros dias letivos de sua vida, para criar, em sua cabeça, um imaginário composto pelo seguinte cenário:

"Aqui era uma ilha gigantesca, vazia, totalmente inabitada por humanos, quando, lá longe, no oceano, surgiu uma linda caravela portuguesa - capitaneada por um mocinho chamado Pedro Álvares Cabral - que, muito com seu bom coração, chegou e "descobriu" a existência dessa tal ilha, ainda abandonada, que no futuro viria se chamar Brasil. Fim."

Afinal de contas, o objetivo da escola é fazer o aluno pensar e questionar, ou somente a reproduzir e engolir "verdades" que foram pré-estabelecidas no passado - de acordo com interesses pessoais de alguém ou alguns à época?

Em qual momento de sua vida escolar alguém lhe disse que o Brasil já existia, que era habitado e preservado por civilizações indígenas, e que lá, em 1.500d.c, uma caravela de portugueses - capitaneada por um explorador Pedro Álvares Cabral - chegou, invadiu, saqueou isso tudo na mão grande e deu início a uma história manchada por explorações e escravidão?

Embora a primeira versão do descobrimento deste país seja uma falácia deslavada, por qual motivo permitimos e endossamos que continuem ensinando aos nossos filhos esse lamentável "conto de fadas" em torno de algo tão importante, que é nossa real origem?

Não é absurdo pensar que a primeira grande fake news da história do Brasil seja justamente o que nos vendem sobre seu descobrimento?

Numa reflexão mais ampla, seria, a história conforme a conhecemos pelos livros "didáticos", um verdadeiro antro de fake news?

O que figura nas páginas de não-ficção das instituições de ensino, é o que de fato existiu, ou parte (importante) de nossos antepassados nos são apresentados como sendo fatos consumados e invioláveis por soarem conveniente à classe dominante?

A manipulação não é nova, meus amigos. Tampouco chegou com a revolução tecnológica.

A classe dominante tem dimensão sobre a poderosa proporção que uma pessoa ganha quando aprende interpretar, tirar conclusões próprias sobre algo ou alguém e, por fim, questionar o senso comum e o status quo.

Alguns poucos escreveram os livros de história que hoje nos norteiam e, obviamente, cada um baseado na ótica e interpretação que lhe convinha à época - já visando uma manipulação futura para que os pobres, periféricos e menos favorecidos "não causassem problemas".

Onde houver a mão humana, não haverá coincidência ou, menos ainda, inocência.

Será que o professor acredita mesmo nesse 10 que acabou de dar lá nas primeiras linhas?

O básico é:

Não sabe? Pergunte.

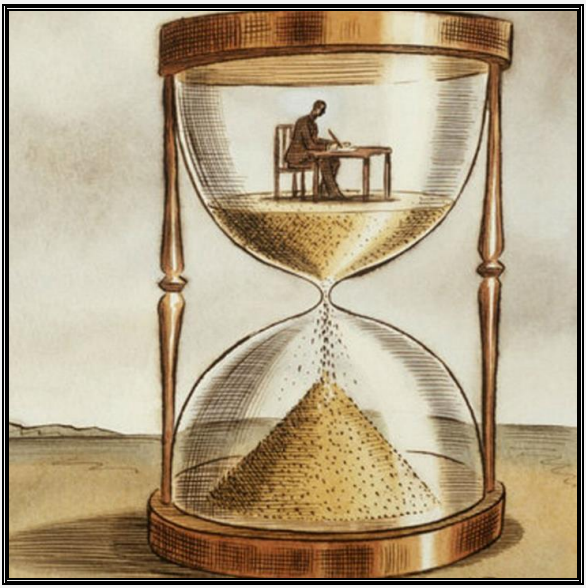
Já sabe? Questione!

Jamais acredite no que lhe disserem sem antes pesquisar e refletir muito a respeito. Não seja o cabresto, seja a rédea.

"A narrativa vinda do colonizador, tingiu de branco nossa história" (Dead Fish)

[22 de abril | Dia do "Descobrimento do Brasil"]

História



Uns contam
(outros fazem)

Eu conto
(mas anseio por fazer)

Contadores quando inaptos
(depreciam fazedores)

Estes que capacitados
(contam quais são suas dores)

Fernando Guifer

Sendo assim…

Apenas faça
(mas não conte)

E nem apenas conte
(vá e faça)

Uma audácia?
(talvez!)

Um segredo?
(vital!)

Há certeza que a inveja
(é oponente do sucesso)

Atenção e precaução
(que o legado ainda é um feto)

Existe chave?
(coesão!)

E qual acerto?
(retidão!)

Basicamente
(a coragem)

Atrevimento
(sua base)

Uns contam
(outros fazem)

Eu conto
(mas escolhi fazer)

História
(e você?)

Olho vivo no relógio
(que o ponteiro é um foguete)

Gratidão
(de nada)

Fim.

Por que será que a felicidade não é para todo mundo?

[quanto tempo ainda viverei com a sensação em apenas desfrutá-la pelo buraco da fechadura?] 😣

"Seja uma pessoa boa, tenha fé e lute por seus sonhos. Nada é impossível e quem acredita sempre alcança!"

Huummm… será mesmo?

Essa aspas que abre o texto é motivacional e muitos a utilizam (inclusive eu) para, nela, enxergar uma retórica que faça valer a pena continuar lutando por coisas e/ou situações distantes que acreditamos poder realizar um dia, seja pela força da energia positiva, do trabalho árduo,

da bondade que nos prometeram colheita, da fé em algo ou alguém, enfim.

Até que ponto está em nosso alcance traçar o próprio destino, e, portanto, realizar sonhos e ter uma vida mais digna e feliz?
Até que ponto vale a pena lutar por uma vida em que o destino talvez tenha sido traçado antes mesmo de nascermos, e que, portanto, não temos qualquer permissão em mudar uma única vírgula?

A religião explica algumas coisas, porém, em minha humilde opinião, não convence.
Tem quem diga que 'nada aqui importa, mas sim a vida eterna que conquistarás no céu se fores uma pessoa boa';
Tem quem diga que 'o que vivemos aqui é reflexo do que cometemos em vidas passadas'.

Uma ou ambas afirmativas podem estar certas, mas, me desculpe, nenhuma delas soa como sendo minimamente justa.

Sobre a primeira, como assim ser feliz apenas quando estiver no céu? Quero ser feliz agora também, oras. Batalho para ser feliz hoje e não somente depois de morrer. Pq essa necessidade em viver 80 anos no sofrimento para depois ser premiado com a felicidade?

Sobre a segunda, que situação injusta é essa, em que cometo erro em outra vida e pago os pecados dela nessa? Então, o tal "aqui se faz, aqui se paga" é uma

falácia? Quero colher nessa vida o que plantar nessa vida, oras.

Por que alguns muitos conquistam tudo fazendo tão pouco ou nada – e até sendo pessoas más para si e para o próximo, e por que outros tantos não saem da estaca zero mesmo fazendo de tudo possível – e ainda priorizando o amor, a empatia e o altruísmo?

Por que, enfim, a real felicidade está restrita à minoria enquanto a maioria experimenta uma vida amarga e de intenso sofrimento, do nascimento até a morte?

Desde sempre nos ensinam que, para colher o bem, basta plantar o bem. No entanto, desde o nascimento nosso dia a dia é envolto por mais dores que alegrias, mais perdas do que ganhos.

“Coachs” e pseudo-otimistas dizem por aí que, para colher prosperidade, basta não fazer mal a alguém, não infringir as regras impostas pelo bicho-homem, não roubar, não matar, passar nove horas dentro de uma empresa atuando com amor, beber água, fazer caminhada, fomentar a caridade, respeitar a fauna e a flora, alimentar-se bem, estabelecer metas e projetos, não se esquecer do checkup na saúde e, claro, sorrir.

Como se não fizéssemos (ou jamais tenhamos feito) isso ou boa parte disso.

Chega um instante da vida em que o único pensamento que vem é: “Não há o que eu faça. Não nasci para

vencer, ser feliz ou ser bem-sucedido, e preciso lidar com isso. Alguns naturalmente desfrutarão o melhor que a vida tem a oferecer em sua plenitude, mas outros, não – grupo do qual sou parte e preciso aceitar de uma forma que soe menos dolorosa à minha caminhada até o fim, ponto.”

Qual a opinião e crença de vocês acerca da felicidade e do tal ‘realizar sonhos’?

Pois, para mim, Fernando Guifer… mais um dia o sol nasceu e meus sonhos insistiram em ficar no travesseiro…
Até quando aguento isso não sei dizer. Mas que está puxado, está.

Que todos vocês tenham uma sorte diferente. Paz e luz, meus amigos. 🙏

Ps: *apesar do aparente pessimismo, seguirei firme na luta me apegando em sei lá o que… Façam o mesmo. Venceremos(!?)* ✊

“E dai?”

Contexto: "E daí?", diz Bolsonaro sobre número recorde de mortes por Covid-19 no Brasil

Fonte: https://bityli.com/356UI (28.04.2020 - UOL)

Imagem: Reprodução/Band

E DAÍ que 5.017 brasileiros tiveram suas vidas e sonhos bruscamente interrompidos?

E DAÍ que centenas de familiares perderam as pessoas que mais amavam?

E DAÍ que o papai nunca mais será o cavalinho de seu filho e/ou verá sua pequena dançar na escolinha para homenageá-lo?

Um pouco mais que 2 palitos

E DAÍ que a mamãe nunca mais sentará com sua filha ao entardecer para, entre beijinhos doces de esquimó, ajudá-la no dever de casa?

E DAÍ que os filhos pegarão seus diplomas, mas não terão a mãe chorando de orgulho na plateia por conhecer toda luta que foi chegar até ali?

E DAÍ que as filhas entrarão na igreja de braços dados com um homem que não será aquele paizão que torceu e prezou tanto por sua felicidade?

E DAÍ que o irmão agora não terá mais seu melhor amigo para gritar e abraçar forte na hora do gol do time de coração?

E DAÍ que a irmã não terá sua confidente especial ao lado para compartilhar medos, anseios e conquistas?

E DAÍ que a esposa não terá mais quem lhe aqueça e, com amor, respeito e admiração, vele seu sono ao término de um dia cansativo?

E DAÍ que o marido não realizará mais aqueles sonhos planejados ao lado de sua alma-gêmea que, aliás, tanto merecia desfrutá-los?

E DAÍ que o vovô, super-herói que escondia dinheirinho no bolso da netinha querida, se foi sem que ela pudesse agradecer e se despedir?

E DAÍ que a vovó, melhor amiga do netinho querido, não fara mais aqueles doces deliciosos e nem lhe contará mais seus causos de quando era pequena?

E DAÍ que a mesa do almoço de domingo agora terá uma cadeira vazia e triste?

E DAÍ que, naquela tão planejada viagem entre os melhores amigos, não estará o dono da melhor risada?

E DAÍ que, na noite de Natal, aquele abraço de 'eu te amo' não será mais dado?

E DAÍ que, no retorno às aulas, a carteira do colega mais amável e dedicado de toda turma estará sem ninguém?
E DAÍ que, na volta ao trabalho, aquele companheiro contagiante não estará mais em sua mesa fazendo o dia de toda equipe muito melhor?
E DAÍ que não pode dar o último Adeus ao primo com quem cresceu junto e tomou inúmero banhos de chuva na infância?

E DAÍ que não respeitei a quarentena porque, pra mim, só o que importa sou eu?
E DAÍ que as pessoas que me fizeram estar onde estou agonizaram até a morte?
E DAÍ que esse número é muito maior, porque meu país não é sequer capaz de saber o número real de mortos e infectados?

E DAÍ que você, que acabou de ler este texto, pode ser o próximo a ocupar uma das sepulturas desta foto amanhã?

E DAÍ?
HEIN!?

Brasil, 28 de abril de 2020.

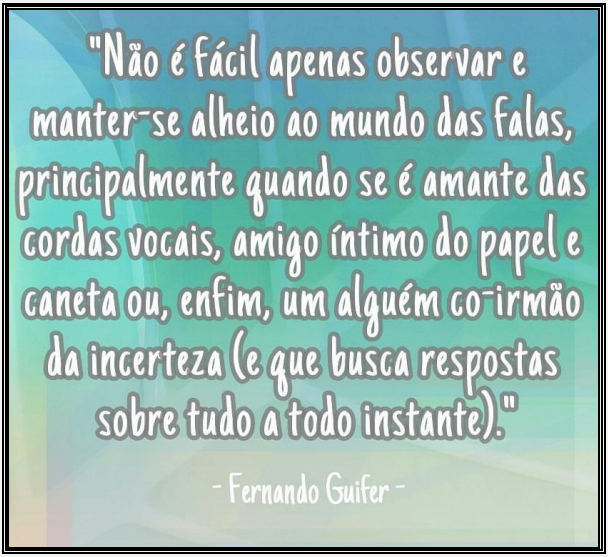
Capítulo 4

Sopro

Imagem: Google

Fernando Guifer

Propague e inspire – sempre em alto e bom tom



A inquietude é quem nos permite sair de pela manhã UM e voltar ao anoitecer OUTRO.

Pergunte. Responda. Contribua. Desconstrua. Pise no calo. Abaixe o dedo. Levante a crista. Enfim, utilize sua condição de cidadão pensante inspirando pessoas e propagando anseios, sempre em alto e bom som.

E por mais que possam parecer ecos falsos ou gritos no vazio, seus posicionamentos fazem bem ao mundo (mesmo que soe dolorido ao próprio).

Procure ser lembrado como um louco consciente;

Deixe positivamente sua marca na história;
Torne-se motivo de orgulho às suas gerações.

Isso é legado.
E isto fará com que tua vida faça mais sentido a você e aos que lhe cercam, e notoriamente deixará de ser considerado um alguém que apenas veio passear ou fez peso morto na terra.

Não há o que temer.
Já nascemos perdendo de 3 a 0, então, partiu buscar o empate ou, quiçá, virar o jogo.

Aprenda, ensine, transforme – o mundo, e principalmente, a si mesmo.

“É preciso a cruz para conhecer a luz”

Existem dias bons e existem dias ruins. Hoje é um dia bom.

Mas, para contextualizá-lo, é preciso resgatar algumas memórias de um dia muito, muito ruim…

Em 2013, a vida tentou tirar desse cara aí da foto o que há de mais precioso na vida de um ser humano: o filho (de apenas 1 ano).

E, por que tentou? Porque o único convívio entre pai e filho que foi de fato privado por aquela tragédia, foi o físico.
Alguns dos ingredientes que fazem do amor um sentimento incondicional, como a troca de energia, a positividade, o afeto, o cheiro e a gratidão, estes foram preservados e continuam intactos no espírito de cada um, bem como as boas memórias, que sim, serão eternas.

No fatídico dia que Bernardo nos deixou fisicamente, me lembro de, ao lado dele, ter presenciado aqueles que considero os momentos mais injustos e devastadores que existem para um homem, que é dirigir rumo ao hospital, sabendo que, chegando lá, a tarefa será vestir o corpo do próprio filho, colocar no caixão branco e seguir atrás do carro funerário rumo ao cemitério para velar, num cortejo que parecia não ter fim.

Algo inimaginável a qualquer pessoa que seja minimamente humana.
Quem, em sã consciência, acredita que passará por uma experiência avassaladora como essa um dia? Ninguém.
Principalmente em se tratando de um filho, numa óbvia inversão natural das coisas.
Um pai ou uma mãe enterrar o filho ou filha, deveria ser terminantemente proibido por Deus, independentemente de quem seja.

Inclusive, sempre que toco neste ponto e rememoro aquele dia, meu coração volta a sangrar, pq estou falando de um cara que, na ausência do meu pai, nunca me

abandonou mesmo sem ter a menor obrigação de cuidar de mim.

Um homem generoso que jamais virou suas costas diante da dificuldade de um irmão ou até desconhecidos.
Um ser íntegro que dedicou sua vida ao lecionar e transformar o futuro de seus alunos, sempre com amor e respeito à profissão.
Um cara que, com atitudes – e não apenas palavras -, me transmitiu valores que levarei para além da vida e perpetuarei através de minha filha.

Óbvio que NINGUÉM merece passar pela experiência de perder um filho. No entanto, se existe alguém que não merecida de jeito nenhum, era ele.

E pq falei tudo isso? Para explicar o pq dessa foto e o pq esse 21.02.2020 é um dia muito, muito bom…

Acordei bem cedo hoje e, mesmo ainda cansado do dia anterior no trabalho, me arrumei com a felicidade estampada no olhar. Peguei ônibus, Metrô, depois ônibus de novo, e dei sinal para desembarcar no bairro de Itaquera (ZL), onde cheguei a Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil.

Lá, haveria uma solenidade de entrega das novas carteiras da OAB. Um disputado documento que só quem fez direito compreende o valor que tem, por toda luta que envolve a sinuosa estrada que leva até ele.

Ao chegar, avistei o homem aí da foto. Cláudio Roberto Fonseca. Meu tio, meu amigo, meu irmão, meu herói, meu ídolo, meu espelho… meu pai.

Prontamente sorri e lhe dei um largo abraço de “ninguém no mundo merece mais essa conquista do que você!”. Era a coroação de algo que tinha um sabor extremamente especial, uma vez que, para chegar até aqui, precisou reviver e resgatar uma força que sequer parecia existir dentro de si.

Ao se matricular em direito meses depois de enterrar o filho, no instante de sua trajetória em que tudo se mostrava perdido e nem ele acreditava mais em seu potencial para seguir.

Lembro-me de ter conversado com ele ontem sobre a solenidade, e me confessou não estar emocionalmente bem. Parte da depressão. Acontece, enfim… estava reticente, inclusive, em comparecer à solenidade na OAB.
Eu disse a ele que seu filho, Bernardo, que carinhosamente chamávamos de ‘Coração Valente’, estava ansioso por este momento e que certamente escolheria sua melhor roupinha para, orgulhoso, assistir a volta por cima de seu papai ser chancelada. E tudo, claro, no melhor camarote possível: o colinho de Deus…

Mas como essa inesquecível sexta-feira não era um dia comum, mesmo com as marcas da perda ainda estampadas em seu olhar (que agora entrega uma tristeza quase que vitalícia), ele também acordou cedo e lá estava para receber a benção de sua classe: o título de

mais novo advogado do Brasil, simbolizando um novo recomeço (SIC).

O homem que me fez atravessar a cidade em 2013 para vê-lo vestir o filho falecido no hospital, desta vez me fez atravessar a cidade para, depois do período mais difícil de sua existência, presenciá-lo recebendo a carteira da OAB, como sendo uma das histórias de superação mais incríveis que conheci pessoalmente, já que, de lá pra cá, a depressão o golpeou sem piedade, devastando completamente sua vida social e profissional, e mesmo sem forças para sequer levantar da cama por não raros dias, lutou muito, fez da dificuldade sua motivação, e novamente me ensinou a ser forte com atitudes e não somente palavras.

Um homem que, há menos de sete anos, levou da vida um soco na camada mais profunda de sua alma.

Sempre me pergunto: como alguém é capaz de sobreviver a uma tragédia envolvendo o filho?
Ele me respondeu. Ele sobreviveu. E, dia após dia, tem vencido e buscado se superar em todos os aspectos.

Grande exemplo.
Um ser humano inspirador.
Obrigado.

"É preciso a cruz para conhecer a luz" (Mc 8,34-9,1)

E, mesmo cansado da vida...

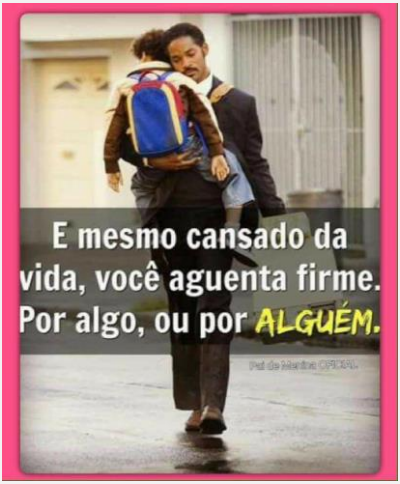


Imagem: Reprodução/À Procura da Felicidade

Acordar todas as manhãs e batalhar de forma honesta por uma vida melhor pra você e sua família faz de ti um grande herói na ótica das pessoas que te amam e que reconhecem seu esforço diário pela felicidade e progresso delas.

E existe busca maior na jornada de um pai que não seja em tornar-se o grande espelho para o futuro de seus filhos?

É claro que não!
Então... quando bater o cansaço, lembre-se de que o acordar cedo e o dormir tarde não é (ou jamais foi) em vão em sua trajetória.

Fernando Guifer

Você tem um grande motivo que te move e que, logo mais, à noite, vai presenteá-lo com a maior de todas recompensas por seu árduo dia de luta.

Ao retornar para casa depois desse exaustivo expediente, prepare-se para cruzar a porta e se deparar com o sorriso mais puro do mundo e os bracinhos levantados mais singelos e amáveis que você conhece.

"Papai!" - é a palavra que você vai ouvir e que será gritada com a felicidade de quem acaba de reencontrar seu melhor amigo, seu ídolo, seu espelho e, claro, seu grande herói! ♥

E, embora simples, 'Papai' é a única palavra possível com poder de te arrancar um suspiro do fundo da alma como quem diz:

"Ufa! Valeu mesmo a pena!" 🙌

A relação entre o caos e as novas descobertas

E todas as novas descobertas agregarão conhecimento, aprendizado, amadurecimento e experiência.

Veja bem, desconstruir é necessário para que busquemos a solução no meio do (improvável) limbo.

Muitas vezes, a garantia do sucesso pessoal e/ou profissional está no saber recomeçar do primeiro tijolo, tendo um novo projeto de vida no horizonte.

Contudo, custamos em praticar o desapego do projeto em curso por medo justamente do improvável, aquele

que, provavelmente, nos colocará no trilho da vitória pra valer.

Mas não se deixe guiar pela repulsa do “tentar”, pois é um sentimento coirmão do tal fracasso.
Permita-se avaliar o caos que lhe cerca para extrair o melhor dele na hora de alicerçar um futuro cujo medo não tem vez.

Um passo para trás e dois para frente, sempre.
E que ninguém nos julgue, porque ninguém está em nossos sapatos.

Vitalidade reciclada

Imagem: Pixabay

Só quem vive ou viveu a beira do abismo sabe o quão difícil é olhar no espelho e não se reconhecer na própria retina quase que desfalecida e completamente sem brilho.

E o mais perturbador é constatar que essa falta de vigor não tem relação com dedicação, atitudes, orações ou ausência de comprometimento, pois, mesmo quando a luta vale a pena e gira em prol de um futuro abençoado (com projeção de extrema positividade), é quase impossível manter o equilíbrio emocional ao se ver protagonista de situações em que, aos olhos humanos, já foram condenadas ao óbito e, portanto, não têm qualquer chance de salvação.

Fernando Guifer

Todos os dias passamos por maus bocados e enfrentamos alguns leões que nos colocam contra a parede fazendo nos sentirmos inúteis fracassados. Entretanto, também precisamos ser justos com nosso poder de regeneração, já que nem tudo é somente derrota ou marasmo.

Vale reconhecer que a cada perrengue enfrentado no dia a dia (para não dizer de hora em hora) nos renovamos, ficamos fortes e, consequentemente, amadurecemos de um jeito tão significativo, mas tão significativo… que só voltaremos a sofrer pelo mesmo desengano se formos vítimas de um mero azar ou devido a tal da 'burrice crônica' mesmo.

Desafio ‘Meus filhos/Eu toda acabada’

Compreendo a vaidade feminina e o desejo em ficar com corpão pós-parto para postar fotos em desafios como este que está rolando por aí, do tipo "meus filhos/eu toda acabada".

Mas, olhe meninas... se o anseio pelo "corpo perfeito" (se é que isso existe) for para seu deleite e satisfação pessoal, ok. É justo. É preciso sentir-se feliz com a própria imagem mesmo.

Agora, se for para chamar atenção dos homens, digo com propriedade que a "curva" mais sexy de uma mulher é o cérebro.

Fernando Guifer

A menos que você não faça questão de caras interessantes e se contente em se relacionar com uma topeira que a verá como um pedaço de carne, avaliando-a pela casca.

Homens legais, que valorizam a mulher enquanto ser humano e respeitam suas características físicas como elas verdadeiramente são, estes se atraem pela noz, não pela casca.

Topa uma rápida reflexão?

Será que você, mulher, não está focando demais em sua aparência para atrair um parceiro e, inconscientemente, acaba colocando esse mesmo pré-requisito no 1° lugar em sua lista de prioridades para que um homem se aproxime de você?

Acredita mesmo que, priorizando algo tão fugaz quanto a beleza externa, você conseguirá alguém especial que lhe fará verdadeiramente feliz de forma sustentável - admirando quem de fato você é na própria essência e admirando sua cicatriz cesariana?

Talvez o segredo esteja em repensar alguns critérios e passar a enxergar o cérebro também como sendo a "curva" mais sexy do homem, hein!? Ou não? 🤔

Último pitaco (prometo! 🙏): Mulher, não participe de desafios e competições de "beleza" que fomentem a rivalidade feminina.

Além de fazer mal a outras mulheres (e em algum momento a você), reforça estereótipos imbecis impostos pela sociedade - e que precisamos nos livrar - e, para todo o sempre, as colocam como reféns de um mero objeto chamado espelho.

Tin-tin? 🎋

No banco da frente, minha alma; no de trás, meu coração!

Quando pensares que a injustiça pro teu lado está maior que o aceitável, respire, compreenda que nada é por acaso, e mentalize a máxima de que o bem vence sempre!

E, assim sendo, não há motivos para que atitudes precipitadas tomem a palavra e com isso ganhem força em teu mais profundo íntimo, afinal, o impensado é coirmão das grandes tragédias e, na maioria das vezes, se volta como prejudicial a si mesmo (e então perde-se uma imperdível razão mesmo já a tendo).

Edifique teus dias no ‘contar até 10’, no perdão, na positividade, e na tal ‘vida que segue’.

Um pouco mais que 2 palitos

Não importa a demora ou ocasião, Ele, o Tempo, é implacável – e devolverá com juros tudo aquilo que tiraram de você, independente se foi a dignidade, o respeito, a essência, ou até mesmo um bem material (pq não?).

O momento é de cabeça no lugar.
O momento é de refrescar as ideias.
O momento é de limpar as memórias ruins.
O momento é de ouvir mais e falar menos.
O momento é de autoreflexão.
O momento é de autofeedback.
O momento é de ofertar a outra face.
O momento é de rabiscar um novo trajeto nesse mapa de sinuosas e ultrapassadas curvas.

Talvez não seja esse o momento de entender qualquer coisa que seja ou muito menos de tentar ouvir o inaudível.

Nossa vida é feita de nuances que, em não raros períodos, soam como testes à paciência ou à saúde – física/emocional – 24 por 48 horas mesmo.
O que, aliás, não deve, em hipótese alguma, ser motivo para que o desespero desvairado aflore e tome pra si um controle remoto que é só da razão, até pq, acordar para (praticamente) só resolver problemas não é uma particularidade somente tua ou minha. É nossa. É de todos. E, portanto, não é mais particularidade, é senso comum.

Fernando Guifer

Assim como, por exemplo, nos instantes de euforia e excitação, estes que também não devem ser eternamente vivenciados em sua plenitude como se não houvesse o amanhã, já que nos condiciona aos momentos bons e nos destreina de forma significativa para os maus.

Desesperar-se com uma derrota e/ou acreditar ser mais do que se é durante uma vitória torna os tombos que levamos/levaremos infinitamente mais doloridos.

E exatamente por esse motivo a única voz que tem direito em gritar – e ser escutada – aí no peito é a dos próprios valores de bem, sabe? Sim, sim… aqueles mesmos lá da infância.
Por vezes precisamos voltar a ser crianças para nos tornarmos adultos melhores.

Enfim, por hoje é isso.
Vai lá abraçar quem você ama e resgatar quem você realmente é. Muita coisa pode e deve ficar pelo caminho, menos isso.

Um ótimo e abençoado final de semana para todos vocês!

Ser feliz ou ter razão?

Quando pensares que a injustiça pro seu lado está maior que o aceitável, respire, compreenda que nada é por acaso e mentalize a máxima de que, sim, O BEM VENCE SEMPRE!

E, assim sendo, não há motivos para que atitudes precipitadas lhe tomem a palavra e, com isso, ganhem mais força do que merecem em seu mais profundo íntimo. Afinal, o impensado é coirmão das grandes tragédias e, na maioria das vezes, se volta como prejudicial a si próprio (e então perde-se a razão mesmo que talvez já a tenha).

Fernando Guifer

Edifique seus dias no 'contar até 10', no perdão, na positividade, e na tal 'vida que segue'. O coração merece esse afago.

Não importa a demora ou ocasião, Ele, o Tempo, é implacável e devolverá com juros tudo aquilo que tiraram de você, independentemente se foi a dignidade, o respeito, a essência, ou até mesmo um bem material (por que não?).

O momento é de cabeça no lugar;
O momento é de refrescar as ideias;
O momento é de limpar as memórias ruins;
O momento é de ouvir mais e falar menos;
O momento é de autorreflexão;
O momento é de auto feedback;
O momento é de se desconstruir;
O momento é de ofertar a outra face;
O momento é de aquebrantar paradigmas;
O momento é de rabiscar um novo trajeto nesse mapa de sinuosas e ultrapassadas curvas;
O momento é, enfim, de prezar mais pela sadia felicidade do que pelo doentio 'ter razão'.

Talvez, portanto, não seja esse o momento de entender qualquer coisa que seja ou muito menos de tentar ouvir o inaudível. Recolha-se ao silêncio, pois o enfrentamento diário também nos implora por momentos assim, de introspecção.

Entendo você...

Nossa vida é feita de nuances que, em não raros períodos, soam como testes à paciência ou à saúde - física/emocional - 24 por 48 horas mesmo.

O que não deve ser aceito, em hipótese alguma, é que essas naturais oscilações, impostas à vida humana, sejam motivos para que o desespero desvairado aflore e tome para si um sensível e perigoso controle remoto que pode botar tudo a perder, uma vez que, acordar para (praticamente) só resolver problemas, não é uma particularidade somente sua ou minha. É nossa. É de todos. E, consequentemente, não é mais particularidade, é senso comum.

Desesperar-se com uma derrota e/ou acreditar ser mais do que se é durante uma vitória, torna os tombos que levamos/levaremos infinitamente mais doloridos. E exatamente por esse motivo, a única voz que tem direito em gritar - e ser escutada - aí no peito, é a dos próprios valores, sabe? Sim, sim... aqueles mesmos aprendidos lá na infância que moldaram seu caráter e sua forma de enxergar e enfrentar cada situação desfavorável com maestria.

Na maioria das vezes, precisamos voltar a sermos crianças não somente para nos tornarmos adultos melhores, mas também para relembrarmos o quão forte somos e, principalmente, que toda causa, motivo, razão e/ou circunstância em estar aqui, fazendo peso na terra, tem o mesmo objetivo: ser feliz.

Enfim, por hoje é isso.

Fernando Guifer

Vai lá abraçar quem você ama e resgatar quem você realmente é. Muita coisa pode e deve ficar pelo caminho, menos isso.

A vida é muito curta para se brigar por ter razão em tudo. Vale mesmo desperdiçar a felicidade para confrontar o próximo com algo que ele não se permitirá absorver? Não, não vale. A vida é uma só.

O foco deve ser a paz de espírito, sempre.
Uma ótima e abençoada semana para todos vocês!
Sejam felizes.

Abraço

Imagem: Charles M. Schulz

Talvez a demonstração de afeto mais pura que existe. Aquela que vai até o fundo da alma e é capaz de salvar um dia inteirinho – por mais desgastante que ele possa estar sendo.

Quando há um abraço, palavras são completamente dispensáveis, afinal, sua magia fala por si.

Um abraço afetuoso e verdadeiro é a cura de todos os males para quem o recebe e, principalmente, para quem o doa. Não há troca de energia que se assemelhe ao enlace proporcionado por essa forma de vínculo.

Existe o apertado, o tímido, o estabanado, o confortante, o que tira os pés do chão, existe o do adeus, o das boas-

vindas, o da paixão, o do amor, o do reencontro, aquele no pet, enfim… não há qualquer abraço que dissemine o mal, pelo contrário.

O abraço em si é o melhor remédio para todas as enfermidades e negatividades proporcionadas pela rotina que nos acomete o dia a dia.

O abraço ao silêncio é o melhor amigo das horas difíceis e um companheiro inigualável das grandes conquistas.

Não deixe esse dia passar em branco e corra agora mesmo para abraçar as pessoas que ama e também aquelas que não se tem muito convívio (mas que precisam desse carinho vindo de seus braços).

Priorize o seu às pessoas; jamais refute o das pessoas a você.

Nunca se sabe quando haverá outra oportunidade em sentir o mais sublime dos gestos já criados pelo ser humano para materializar o abstrato amor.

Um abraço que se deixa de abraçar hoje, poderá ser irrecuperável no amanhã. E aí… pufff…

Abrace.
E não somente hoje.

Faça com que esse dia se estenda pelo ano todo.
Feliz Dia do Abraço!

O teu (e o meu) dia acabou. E ae... objetivo atingido?

Sabe aquele instante em que o popular dia ‘útil’ está prestes a findar-se? Pois bem…

…É quando (geralmente) somos acometidos por nós mesmos em um raro instante de reflexão no transporte coletivo lotado ou na solidão do carro próprio, pensando longe sobre o propósito de tudo o que foi feito nessa data para si e também para os outros que cruzaram nossa existência mesmo sem trocar um olhar ou uma palavra, e, claro, quais impactos reais essas atividades, decisões e/ou atitudes – positivas ou não – trarão para o próprio futuro de forma sustentável.

Fernando Guifer

Ao dar às caras, um flagrante melancólico desse tipo, que permeia o trajeto entre o trabalho e aquele local (conhecido como casa) que você só aparece lá para jantar e dormir, vem acompanhado por uma sutileza capaz de nos desligar do mundo tão intensamente, que nem a música favorita torna-se capaz de ser ouvida, ela estando no talo dos fones de ouvido ou nos falantes que pulsam como coração adrenado na porta do motorista.

A canção começa, termina, e você, no interior de sua meditação, nem percebeu que ela de fato foi tocada, pois tudo o que vivenciaste nesses últimos segundos é o desligamento da emoção impertinente, esta que, mesmo altamente intransigente, passou finalmente sua bola para a razão (meeeega insistente!).

Então, num instante erroneamente raro, você tira um tempo para si e escora sua lateral da cabeça no vidro, mirando despercebidamente um olhar triste que, mesmo sem enxergar, foca na paisagem que sempre esteve lá, mas que nunca foi vista e/ou agraciada por ti com a alma.

Os pensamentos borbulham em torno do propósito e da importância que essas últimas horas tiveram em sua existência, e ele, o belíssimo cenário natural, se vai pela janela… talvez com a mesma velocidade e irrelevância com que sua própria vida tem passado aos teus olhos dia após dia sem que tenha reparado por um instante que seja.

De repente, vem à decepção consigo próprio.

Afinal, por que todos os dias fazemos algo que não sabemos o por quê estamos fazendo?

Paramos, pensamos e nos damos conta de que novamente uma data no calendário foi tratada como número, numa equação matemática em que as contas simplesmente não batem.

Desta forma, mais uma vez o dia termina e tratei com protagonismo tudo o que deveria ter tido aspecto de coadjuvante em minha vida (e o vice-versa também é, infelizmente, maleficamente verídico).

Hoje o sol nasceu e se pôs como qualquer outro que tenha sido presente em nossa trajetória de vida nos últimos anos, ou seja, ele não apresentou o menor interesse em ofertar um brilho diferente que fosse capaz de nos fazer triplicar a fé na direção de que as coisas serão positivamente desiguais amanhã e depois.

Mas, afinal, de que forma estou voltando para casa hoje?
O que aprendi?
O que ensinei?
O que plantei?
O que anseio colher?
Era isso que eu queria para minha vida?
O que tenho me tornado?
Reconheço-me frente ao espelho?
O que preciso fazer de diferente?

Vamos lá… continuemos a reflexão na cama. Amanhã tem mais.

Fernando Guifer

Próxima estação: o abraço das pessoas que te amam!

Imagem: Google

A semana foi "punk", né, meu amigo ou minha amiga? Sim, foi… eu sei disso…

Por mais que você lute todos os dias em prol de uma condição “menos ruim” para a própria sobrevivência, novamente você termina a semana com aquele incômodo sentimento de derrota por estar em um país que (aparentemente) jamais reconhecerá o seu valor enquanto cidadão-trabalhador-honesto.

É como se cada vez mais a máxima do “Nascer / Trabalhar / Pagar boleto / Morrer” fizesse sentido pra

você, o que, com o passar do tempo, torna-se, indubitavelmente, de-ses-pe-ra-dor!

Entendo sua perda de fé no futuro do mundo e também da humanidade, porque não há como se opor a este sentimento nos dias em que vivemos.
Aliás, não apenas concordo como confesso que também vivencio um eterno e louco paradoxo entre o ‘acreditar pra caralho’ e o ‘desacreditar pra porra’, saca?

É foda ser uma pessoa correta em um país que luta tanto pra gente se tornar o pior da espécie.

Mas, olha… minha notícia pra você nesta noite de sexta-feira é a mais fantástica possível!
Sabia que você não passou por tudo de negativo mais esses últimos cinco dias por acaso?

Pois é…
Todo ciclo de sofrimento que você tem carregado ultimamente gira em prol de algo muito maior que você desconhece hoje, mas que irá surpreender positivamente seu coração ainda nessa vida.

E isso tudo porque você ainda carrega na alma o amor verdadeiro por alguém ou por alguns, e, faz a diferença na existência dessas pessoas de uma forma tão linda e mágica, que nem imagina o tamanho de sua importância para elas.

O que o mundo e o governo te negam diariamente, essas pessoas te suprem em dobro com seus amores incondicionais depois que o sol se põe.

Enquanto você está aí, preso no trânsito ou quase sem ar na condução pública lotada, tem corações palpitando lá na sua casa simplesmente por saberem que jajá você chegará para levar luz àquele lar, independentemente do salário que você ganhe no fim do mês, de sua etnia, de sua religião, enfim…

É uma importância que te dão por sua simples existência. Sem poréns ou qualquer interesse adicional. Você é a pessoa mais importante do mundo para os que te amam. E garanto a você que não são poucos.

Acredite: você não comeu marmita a semana toda por acaso!
Alguém que te ama muito está mega orgulhoso desse esforço que você faz pelos que lhe cercam. E esse é o mais lindo significado do altruísmo. Abdicar do básico para oferecer o melhor possível a um outro alguém, independentemente do que seja ou de quem seja.

Todos os dias quando, no fim do dia, você sair desanimado do trabalho, dos estudos ou de onde quer que seja, lembre-se de que a estação terminal será sempre no abraço das pessoas que te amam. E essa deve ser sua maior motivação para viver!

Agora, abra o sorrisão e o coração… seus próximos dois dias verdadeiramente úteis acabaram de começar. Ame muito sem moderação.

Fernando Guifer

No fim das contas, percebemos que somente ele, o abraço, é o que realmente importa...

Imagem: Google

São incontáveis os ensinamentos que o Covid-19 tem nos proporcionado durante as 24 horas desses dias mais recentes de nossas vidas.

Mas quase todos esses aprendizados são hierarquizados por nós de acordo com o que consideramos ser mais conveniente e mais adequado ao momento particular de vida ao qual estamos inseridos, o que é natural.

Contudo, embora sejam aprendizados muito particulares, uma coisa, somente uma coisa, certamente tem nos perturbado em comum: a ausência dos abraços e, principalmente, a incógnita perspectiva se haverá uma nova oportunidade em abraçar aquela pessoa que tanto amamos e que está longe.

Até por se tratar de uma ação aparentemente cotidiana, fácil e acessível a qualquer pessoa, estar impossibilitado de ofertar ou receber um despretensioso abraço nos expõe à dimensão de emergência que vive a humanidade hoje e também nos transmite uma estranha sensação de impotência sobre nossa mera existência – e por quanto tempo.

O enlace de braços que captam e compartilham energias, o aconchego de tórax unificando batimentos, o afago entre orelhas (que, como boas ouvintes, reverenciam a história do outro), o sinal de respeito no tatear a cabeça do abraçado e, por vezes, o fechar involuntário de olhos que nos permite sentir aquela consideração com a alma…

O ritual do abraço tem significados ímpares e, de forma milenar, se faz presente nos bons e maus momentos de nossa trajetória desde sempre. No luto ou na euforia, no desconhecido ou na pessoa com quem se tenha mais intimidade, lá está ele, dizendo o que as palavras não são capazes de expressar na forma escrita ou falada.

Quando passou por nossa cabeça que estaríamos incapacitados de abraçar as pessoas que amamos? Talvez nunca!

Poderíamos sofrer com escassez de qualquer coisa, menos de um abraço. Pelo menos era o que imaginávamos até a vida novamente nos mostrar que não sabemos ou temos controle sobre absolutamente nada, independentemente do que seja. Por isso é tão necessário repensar os abraços que não demos, recusamos, trocamos por banalidades ou deixamos para um depois que nunca veio.

Mais aconchegante do que o beijo, mais autêntico do que o sexo e mais humano do que um simples aperto de mãos, o abraço, embora uma dinâmica física, foi involuntariamente criado para transmitir sentimentos sem que o uso da palavra se faça necessário.

Na hora da dor, da fome, da angústia, do medo, ou durante a perda de uma pessoa especial em que somente o abraço é capaz de dizer o que a boca não consegue, ele é que nos transmite a mensagem de “calma, vai ficar tudo bem…”. E talvez por isso tem nos feito tanta falta neste momento de Pandemia e recolhimento extremo. Ao mesmo tempo em que revigora crenças por dias melhores, a junção de corpos – em seu aspecto mais puro – aquece o coração com divino sentimento de proteção.

Mas ele também marca presença quando aquela notícia boa chega inesperadamente através do sorriso de um

amigo que acabou de conseguir um trabalho; ou quando aquele familiar que batalhou tanto e, mesmo sem condições, passou no vestibular; ou no momento do gol, em que se corre de um lado ao outro na busca pelo abraço mais próximo, para extravasar uma emoção que é única e momentânea; também existe aquele que vem depois de um pedido e um aceite verdadeiros de perdão; e também no reencontro com grandes amigos ou parentes que estavam distantes, enfim…

Por isso não é raro que essa fusão abençoada chamada ‘abraço’ venha acompanhada de uma lágrima discreta de um ou de ambos.

No fim das contas e bem aos poucos, temos descoberto que os princípios mais vitais à sobrevivência são sim os mais (aparentemente) simplórios e que não envolvem necessariamente dinheiro, como brincar de cavalinho com o filho, passar um café da manhã no bule ao lado daquela pessoa especial e, por fim, exercitar o mais democrático entre todos os gestos afetuosos: o abraço.

Estar em nosso lar é incrível, mas como ele nem sempre contempla todas as pessoas que amamos, o isolamento nos comprovou que o melhor lugar do mundo é mesmo dentro de um abraço. ♡

Fernando Guifer

Pósfácio

Um momento para inspirar-se!

"O momento em que vivemos, na data em que escrevo essas desajeitadas linhas, não é dos mais fáceis. O ano é 2020 e o planeta é assolado pela pandemia do COVID-19. Isolamento social (triste, mas extremamente necessário) e medo, por nós e pelas pessoas que amamos.

É neste cenário de muitas incertezas que chegou até as minhas mãos esta obra. Já havia lido quase todos os textos, separadamente, mas essa forma de reuni-los, é um verdadeiro presente para os leitores. São textos e artigos que nos provocam em níveis diferentes de sentimentos. Alguns, de forma mais prática e cotidiana e outros que são verdadeiras poesias e que alimentam nossa alma com belas inspirações de amor, amizade e, principalmente, HUMANIDADE.

Sim, pois, antes de qualquer coisa, este sentimento de empatia, se mostra muito presente nos textos e nos levam a pensar: Será que estou sendo o melhor que posso, para mim, para a minha família, para o mundo? Essa provocação aparece de forma mais explicita em alguns momentos e mais sútil em outras, mas está presente em quase todos os pensamentos desenvolvidos nos textos e por isso mesmo desperta tal reflexão, ao mesmo tempo que também apresenta momentos e situações onde

oferece de forma muito clara essa resposta: Todos nós podemos ser pessoas melhores.

Às vezes é difícil abandonar velhos hábitos, crenças, convicções, vícios. Mas é possível! E esta obra vem justamente em um momento onde temos a oportunidade de provar que podemos evoluir e ela serve como centelha para nos impulsionar. O autor, que já nos brindou com as obras "*Diamante no acrílico: entre a vida e o melhor dela*" e "*Para pensar na cama*...", mostra o próprio amadurecimento e evolução como autor e, especialmente, como pessoa, já que nosso processo de aprendizado não termina nunca.

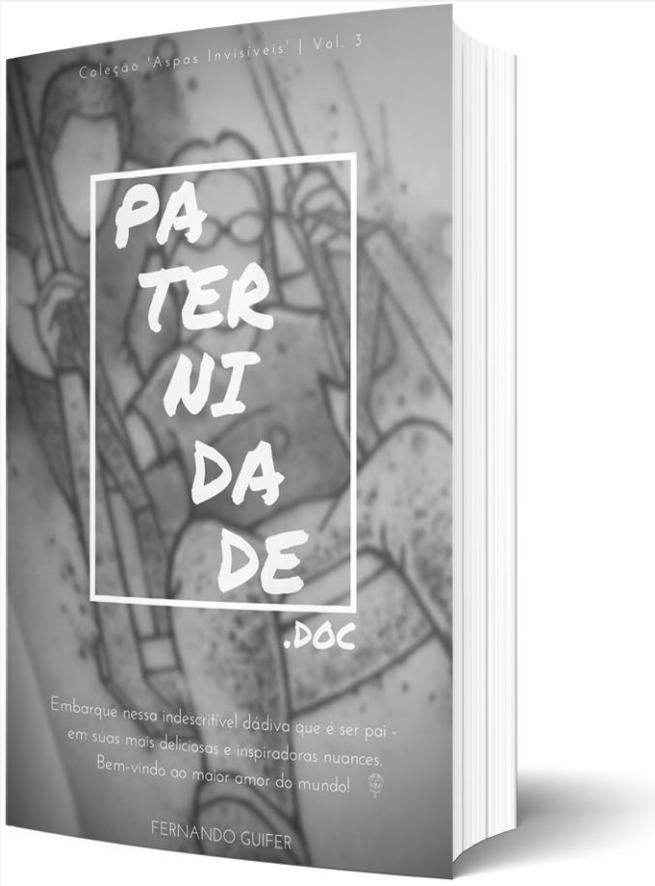
Fico aguardando ansioso pela próxima publicação.
Agradeço a oportunidade e desejo que todos vocês, leitores, assim como eu, tenham finalizem esta obra extremamente inspirados."

- Cleber Augusto do Nascimento -

Coleção ‘Aspas Invisíveis’

Próximo lançamento:

- **Volume 3:** *Paternidade.doc*
- **Lançamento:** agosto/2020
- **ISBN**: 9786590064547



Um pouco mais que 2 palitos

Outros lançamentos do autor:

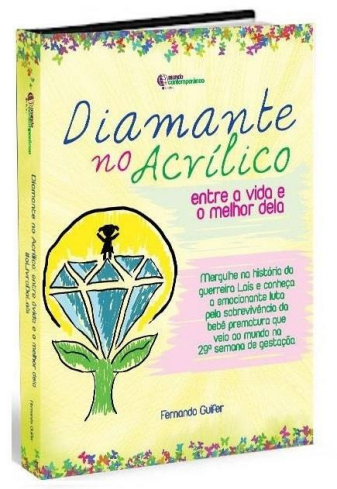
Para pensar na cama...

Não há fim. Não há conclusão. Não há em suma. E por isso as reticências no título.

Enquanto houver um dia de reflexão, haverá uma noite para pensar na cama.

'*Para pensar na cama...*' traz uma seleção dos principais artigos e pensamentos publicados pelo jornalista e escritor, Fernando Guifer, ao longo dos últimos quatro anos, e que, com uma linguagem simples e acessível, é capaz de levar o leitor á reflexões até então inimagináveis.

Coleção/Volume: Aspas Invisíveis/1 (reflexão)
ISBN: 9786590064516
Lanç.: abr/2019
Nº de páginas: 278
Baixe o e-book gratuitamente: fernandoguifer.com.br



Diamante no acrílico: entre a vida e o melhor dela

Obra que retrata a história de luta, superação, fé e milagre da pequena prematurinha Laís, filha do autor, que veio ao mundo aos seis meses de gestação e passou 80 dias na UTI.

Editora: Mundo Contemporâneo Edições (Metanoia Editora)
ISBN: 8566980026
Lanç.: dez/2015
Nº de páginas: 188
Adquira já: armazemdopapai.com.br

Fale com o autor

www.fernandoguifer.com.br

Siga as redes sociais:

- **Facebook:** fb.com/fernandoguifer
- **Instagram:** instagram.com/fernandoguifer
- **Youtube:** youtube.com/fernandoguifer
- **Twitter:** twitter.com/fernandoguifer
- **Linkedin:** linkedin.com/in/fernandoguifer

E-mail: contato@fernandoguifer.com.br

Este livro foi composto nas famílias tipográficas:
Arial e Calibri Light